

"Verdade" na tradução

PELO PADRE SENA FREITAS

A alta educação do padre







*"Verdade" na tradução
A alta educação do padre*



E. J. Moreira da Silva

“Verdade” na tradução, pelo padre Sena Freitas,
A Alta Educação do Padre

CEHu
Centro de Estudos Humanísticos

Universidade dos Açores
UAc

PONTA DELGADA | Açores | 2025

Publicado *por autor*

ISBN 978-989-35259-3-7

Grafismo e edição eletrónica de
E. J. Moreira da Silva

Tipo: BODONI 72 OLDSTYLE 12 | 10 pt

Índice

I. <i>A Alta Educação do Padre:</i> Contextualização	9
II. “Verdade” em <i>A Alta Educação do Padre:</i> Preliminar	25
III. PRIMEIRA DIVISÃO: “Verdade” com relação a omissão de palavras por parte do Tradutor	33
IV. SEGUNDA DIVISÃO: “Verdade” com relação a palavras por parte do Autor	45
Notas e Referências	75
Bibliografia	91

E. J. MOREIRA DA SILVA

"Verdade" na tradução

PELO PADRE SENA FREITAS

A alta educação do padre



AUTOR

Τί ἐστὶν ἀλήθεια
"Que é a Verdade?"
João 18:38

A alta educação do padre
CONTEXTUALIZAÇÃO

A Alta Educação do Padre congrega, em tradução do padre Sena Freitas, dois textos da autoria de John Lancaster Spalding – o qual nasceu em 1840, obteve o grau de Licenciado em Teologia, pela Universidade de Louvain, em 1864, no ano seguinte a ter sido ordenado padre, foi nomeado bispo de Peoria, no Illinois, em 1876 e faleceu em 1916.

Tais dois textos, que foram produzidos com o objetivo primeiro de serem apresentados publicamente, são, pela ordem de precedência que Sena Freitas lhes adjudicou, ao invés de pela ordem cronológica da sua produção, estes:

(A) o sermão *Education and the Future of Religion (Educação e o Futuro da Religião)*, que foi publicado pela primeira vez em 1900¹ e recebeu de Sena Freitas o título “Da Educação Eclesiástica e do Futuro Religioso”;

(B) o discurso *University Education, Considered in its Bearings on the Higher Education of Priests (A Educação Universitária, Considerada nas suas Relações com a Educação Superior de Padres)*, que, por seu turno, foi publicado pela primeira vez em 1884² e recebeu de Sena Freitas o título “Educação Superior do Clero.”

O primeiro desses mesmos dois textos foi proferido pelo autor, John Lancaster Spalding, em Roma (na Igreja do Santíssimo Nome de Jesus), em cumprimento de convite para ali perorar a favor da criação, na-

quela mesma cidade (Roma), de uma escola noturna sem fins lucrativos.

Por sua vez, o segundo texto foi proferido na Catedral de Baltimore (Mary, Our Queen, Cathedral), por ocasião do Terceiro Consílio Plenário de Baltimore (Third Plenary Council of Baltimore), que ocorreu nos dias sete, oito e nove de dezembro de 1884. — Tendo a produção e a publicação desse mesmo segundo texto ficado a dever-se ao intuito, por parte do autor, de ali (naquele Consílio) perorar em prole da fundação de uma primeira universidade católica nos Estados Unidos. Em concreto, na cidade Washington.

Ora, como os títulos que venho de registrar dão a saber só por si, os dois textos a que dizem respeito compartilham a preocupação importante que, sem dúvida, veio a incentivar o tradutor, Sena Freitas, a traduzi-los e a publicá-los de par a par. — Ainda que sentimentalizando-os aqui e ali e enviesando-lhes sustidamente o escopo, por via de lhes adjudicar (em tradução) referência específica a, por exemplo: “Sacerdotes, como nós somos”.³

Trata-se de preocupação persistente e de todo justificada, por parte do autor, John Lancaster Spalding, com a importância sem par que, por natureza, a EDUCAÇÃO (*Education*) sempre teve, e sempre haverá de continuar a ter, não tão-somente para quantos homens tenham devindo, ou ensejem devir, padre (*priest*), mas para todos os homens e todas as mulheres que herança

genética haja agraciado com *vontade* de transitar em vida da mera condição de espécime humano à condição de concretização *in individuo* da perfeição – do dever-ser – da espécie HOMEM.

Quero dizer, entrando em conta com a origem etimológica do nome “educação” (*ex-*, “a fora” + *ducere*, “conduzir”), cuja herança genética haja agraciado com *vontade* de se conduzir continuamente a fora de seu *ser* de índole meramente accidental (histórico-empírica), com vista a instanciar em si – e, pois, por via de sua compartilha do ter-de-ser essencial de todo o animal humano – o dever-ser que o *lógos* que determina a espécie HOMEM dá a saber configurar-se dever-ser formalmente válido para todos e quaisquer membros dessa mesma espécie. Porquanto, dever-ser válido de modo universal para todos os entes que compartilhem o predicado (em termos lógicos) ou o atributo (em termos ontológicos) HUMANIDADE.

Quanto venho de registrar revela de todo, ajuízo, o seguinte: que, em virtude de se configurar preocupação com a EDUCAÇÃO, a preocupação sem par que há dado origem aos dois textos que constituem em tradução *A Alta Educação do Padre* em nada se diferencia de preocupação com a CULTURA. — No caso, é claro, de mente que apreenda este último significante, o significante “cultura,” se facultar dar-lhe não a significação moderna, antropológico-sociológica, que, hoje, praticamente

exaure sua semanticidade, a significação “modo de vida” (*way of life*), mas a significação que os homens da Grécia Antiga expressavam via do nome *paideia* e os alemães do tempo do Iluminismo via do nome *Bildung*.

Estou a pôr em pauta a significação que, de modo mais intuitivo, porque por analogia com o cultivo da terra, com a *cultura agri*, os latinos fizeram corresponder à designação *cultura hominis* (“cultura do Homem”). – A qual é designação que de igual modo expressa, no dizer original de Cícero, o significado *cultura animi* (“cultivo da alma”).⁴

Isso significa que me encontro a pôr em pauta conceção de “cultura” que, sem dúvida, há muito se fez e irá permanecer estranha ao Espírito do Tempo (*Zeitgeist*) que ora impera no Ocidente. De todo à revelia, importa dizê-lo, do que ocorreu a contar mais ou menos de meados do século XIX até ao início da primeira Guerra Mundial, como comprova só por si, por exemplo, a definição de “cultura” – a definição de “cultura” quase sem par – que o ensaio “Views of Education” (de 1903) dá a ler pela pena do próprio bispo de Peoria. Esta:

Our word “culture” finds its best equivalent in the Latin *humanitas*. It implies a fine humanity, or humaneness, in thought, word, and deed; it is an enlightened and sympathetic consciousness of all that is

best in human experience and achievement. It looks away from what is personal and partial, from temperament and whim, from calling and position, from family and people, to what is of universal and permanent interest; and[,] in this world of the universally and permanently interesting, it embraces all things, whether they belong to soul or body, whether they relate to thought or action. That knowledge alone is fruitful which, amid struggle and contradiction, ripens within the depths of one's own heart and is made part of his very being – is, indeed, himself.⁵

Importa que eu dê prossecução a esta breve Contextualização fazendo conhecer, agora, as circunstâncias que passo a explicitar.

Trata-se, em primeiro lugar, da circunstância de preocupação com a EDUCAÇÃO e a CULTURA se ter constituído preocupação determinante da escrita de praticamente todos os vários livros que Lancaster Spalding produziu no decurso de sua vida. Essa sendo a razão por que me lhe hei referido como preocupação persistente por parte dele (Spalding).

Trata-se, em segundo lugar, da circunstância de o sermão *Education and the Future of Religion* (“Edu-

cação e o Futuro Religioso,” na tradução de Sena Freitas) revelar de modo sobejo, e em particular, que o autor, Lancaster Spalding, continuamente entendeu a EDUCAÇÃO e a CULTURA como atividade protréptica do espírito conducente à fruição de “vida bem-aventurada”: *selliges Leben* em alemão, como no título de Fichte,⁶ *higher life* em inglês e “vida superior” na tradução de Sena Freitas.

Trata-se, em terceiro lugar, da circunstância de ser bastante demonstrativo disso mesmo deparar-se ali, no sermão que constitui a primeira parte de *A Alta Educação do Padre*, com, por exemplo, a seguinte asserção: “Convençamo-nos de que Deus todos chama a uma VIDA SUPERIOR, mesmo neste mundo.”⁷ Bem como deparar-se, também ali, com a suposição de a Bíblia se configurar “luz da palavra divina... alumando o caminho que conduz a uma VIDA MAIS ALTA E PERFEITA.”⁸

Trata-se, em quarto e último lugar, da circunstância de, no seu livro *Education and the Higher Life (Educação e a Vida Bem-Aventurada)*,⁹ Lancaster Spalding ter tratado o tema da “vida bem-aventurada” com profundidade e extensão que não lhe teriam sido possíveis alcançar em qualquer um dos dois escritos que Sena Freitas traduziu e publicou sob o título *A Alta Educação do Padre*.

Agora, só por si, cada um dos títulos originais dos dois textos que compõem em tradução *A Alta Educação do Padre* acrescenta a preocupação genuína

e desinteressada com a EDUCAÇÃO e a CULTURA uma outra preocupação.

Com relação ao primeiro daqueles dois títulos, *Education and the Future of Religion (Educação e o Futuro da Religião)*, refiro-me a preocupação com a circunstância de, considerada em si mesmo, a EDUCAÇÃO, ou a CULTURA, se prestar a devir *garantia* — *arma* posta ao serviço — de um futuro mais propício à religião católica. — Também à de agora, afinal, à semelhança de à de princípios do século XX.

Com relação ao segundo de tais dois títulos, *University Education, Considered in its Bearings on the Higher Education of Priests (A Educação Universitária, Considerada nas suas Relações com a Educação Superior de Padres)*, refiro-me a preocupação que assume carácter mais específico.

Trata-se de preocupação com a circunstância de a Universidade (*University*) se apresentar sedutoramente na qualidade de *oficina de metalurgia* por de mais propícia a *malhar* a EDUCAÇÃO e a *cultura hominis* com o propósito de as moldar em *lança* ao serviço de cruzada pela recuperação, na Terra, do Paraíso Perdido — Celestial — da Igreja Católica. E, pois, ao serviço do advento de um novo tempo em que, por palavras de Lancaster Spalding que a tradução de Sena Freitas adultera consideravelmente, “os poderosos aprenderão de novo a amar o padre, ministro... [dos] bens [da religião] pela ciência e pelo zelo”; e em que “os reis e os outros chefes de Estado virão prestar home-

nagem à Igreja, não com um respeito afetado ou fim interesseiro, mas porque compreenderão que nela se encontra a fonte da vida... que todo o homem... reconhece ser a suprema necessidade da sua existência!”¹⁰

A preocupação derivativa de que acabo de falar, a preocupação com pôr a EDUCAÇÃO e a UNIVERSIDADE ao serviço de fins que lhes permanecem extrínsecos, a qual é preocupação que manifestamente assume carácter ideológico e que, porquanto, se configura preocupação subreptícia ou de *viés* – preocupação, afinal, por parte de apedeuta ou de alma de incultura, – designo-a PREOCUPAÇÃO COM AS MAIS-VALIAS DA CULTURA E DA EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA. Este sendo o modo como dou resposta à questão de Lancaster Spalding que Sena Freitas tomou a liberdade de começar por parafrasear assim: “Quem pode desconhecer os serviços que a cultura e a disciplina intelectuais prestam à verdade religiosa...?”¹¹

Repare-se no sujeito: “a cultura e a disciplina intelectuais”. Repare-se no complemento direto: “os serviços”. Repare-se, por fim, no complemento indireto: “verdade religiosa”.

Tem-se, pois, que, como não poderia deixar de ser, sempre haveria de se tratar, em *A Alta Educação do Padre*, tal como em *The Idea of a University*, do cardeal John Henry Newman,¹² não tão-somente de “universidade,” mas – repare-se – de “universidade católica,” *sub specie Sunday school* para que se pudes-

se apontar o dedo exclamando, com o bispo de Peoria: “aprendam aí, os nossos jovens, em uma atmosfera de fé e de pureza de elevação e retitude, a melhor conhecer A VERDADE DA SUA RELIGIÃO”.¹³

O pronome possessivo “sua” é, aqui, extremamente esclarecedor, em vista de facultar que as designações “a verdade da sua religião” e “a sua verdade religiosa” devenham designações permutáveis.

Como é evidente, julgo, quanto disse nos últimos parágrafos significa que deveras sempre haveria de se tratar ali, em *A Alta Educação do Padre*, de universidade *sub specie officina de metalurgia* do espírito. Ou seja, sempre haveria de se tratar ali de considerar o nome “universidade” (*University*) não tão-somente de modo analítico (*per analysis*), mas de modo sintético ou *per synthesis*. Quero dizer, por via de apor ao próprio nome “universidade,” considerado *qua* sujeito lógico, o predicado “católica,” de modo a obter o sujeito sintético “universidade católica”¹⁴ – “para o bem espiritual”, cito Sena, “[da sociedade] e dos seus interesses eternos”.¹⁵

O conteúdo e o grande objetivo programático do discurso “Educação Superior do Clero” (na tradução de Sena Freitas) deixam-se sintetizar de todo, porquanto, por esta apoteose discursiva por parte do autor (Lancaster Spalding): “Surja, pois, nos Estados Unidos, uma Universidade católica”!¹⁶

Bem como, por seu turno, o conteúdo e o grande objetivo programático do sermão *Educação e o Futuro da Religião* (de igual modo, na tradução de Sena Freitas) se deixam sintetizar de todo, em vista de quanto venho de pôr em pauta, pelo seguinte *sobriquet*, que é tanto de minha lavra quanto de caráter metafórico: A EDUCAÇÃO *qua* ESPADA EM PELEJA PELA RECONQUISTA FUTURA DA VERDADE PRETÉRITA DA RELIGIÃO CATÓLICA.

O complemento direto VERDADE PRETÉRITA DA RELIGIÃO CATÓLICA surge aqui em resultado de, tanto no texto de Sena Freitas que serve de Introdução a *A Alta Educação do Padre* como no livro de Lencaster Spalding que mencionei atrás, *Education and the Higher Life (Educação e a Vida Bem-Aventurada)*, se deparar recorrentes vezes, como seria de esperar, com referência à importância sem par da VERDADE. Bem como, por conseguinte, com referência ao amor incondicional, e de igual modo sem par, que todos os amantes genuínos da EDUCAÇÃO ou da CULTURA haverão de lhe dedicar. Isto é, haverão de dedicar à própria VERDADE. —

Sendo que ocorre ali, previsivelmente, que tais amantes se configuram quase exclusivamente *anima naturaliter christiana*, no dizer de Tertuliano.¹⁷ Ou seja, sendo que isso mesmo ocorre tanto em *A Alta Educação do Padre* como em *Educação e a Vida Bem-Aventurada*, o qual é, de novo, o livro em que Spalding tratou com maior profundidade e extensão os assuntos específicos

sobre que versam os dois textos que Sena Freitas se deu de traduzir e publicar de par a par.

Ao falar de *anima naturaliter christiana*, falo de alma naturalmente amante – repare-se – de verdade especificamente cristã ou de verdade especificamente católica. A qual é alma, percebe-se, que, por natureza, sempre haveria de preferir ter por morada material, mais do que qualquer outro corpo, corpo de homem todo alçado – via de alta educação, à alta, porque elevada ao Céu e cultivadíssima,¹⁸ condição de padre católico!

Leiam-se, com respeito ao que acabo de dizer, as palavras do padre Sena Freitas com que ora ponho término a esta breve Contextualização:

Mas o padre católico... há de ser... homem-humanidade, para trazer a humanidade ao *Homem*. E, então, à força de amá-la, mau grado os seus anátemas, mau grado os seus ódios e tiranias, a humanidade respeitá-lo-á, e querer-lhe-á, talvez, um pouco mais. O que não é admissível é que o eclesiástico, continuando tradicionais apatias, se paralise e se ossifique na esterilidade, ao passo que ele é propriamente a célula do organismo humano, elaboradora do calor cristão, que é chamada a transformar paulatinamente a face da Terra, e, sobretudo,

ao passo que a época atual é de luta travada, implacável e renhida, entre o nosso Chefe adorável e os seus antagonistas.

Bem que nos seja absolutamente impossível atingir a perfeição do Divino modelo, se é certo que Ele passa todos os dias por nós, sacerdotes, convém que os homens percebam que em nós deixou algo do seu aroma divino. É o pensamento de S. Paulo: *Christi bonus odor sumus*. Um homem destes não é nem pode ser um homem ordinário. Nem se quer que o seja. O padre deve, rigorosamente falando, tornar se um homem extraordinário. Poderia até ser esta a sua definição – um homem extraordinário, votado por ofício à ação decidida do bem. Os ordinários para bem pouco mais servem do que para administradores de sacramentos, maquinismos de cerimónias sacras, e tabeliães eclesiásticos.

É evidente que a Natureza só por si não tem poder de produzir um ente tão superior à plana comum dos homens. Mas, por isso mesmo, virá em seu auxílio, a graça eficaz de Aquele de quem o Apóstolo das gentes dizia com tamanha ênfase: “Tudo posso, no que me conforta”. Além disto, para ele-

var-se a essa plana extra-comum, importa que o ministro de Deus conceba bem qual há de ser o ideal dirigente, a alma de toda a sua vida, o seu norte invariável e princípio palmar, em que se concentre toda a sua existência, que informe e modele o conjunto da sua ação sacerdotal, e o torne, em suma, capaz de alar-se, sobre a asa potente de um semelhante auxílio, acima da lezíria das mesquinhas preocupações, dos intuitos pequeninos, dos sentimentos vulgares, a essa atmosfera generosa e alta que tudo empreende e vence, que tudo ousa e espera, ainda contra a própria esperança, em que tudo se purifica e retempera.¹⁹



*"Verdade" em
A alta educação do padre:*

PRELIMINAR

INICIO ESTE BREVÍSSIMO PRELIMINAR pondo em pauta o que se segue:

(I) que, como já dei a saber, foi no livro *Education and the Higher Life (Educação e a Vida Bem-Aventurada)*, de 1880, que Lancaster Spalding tratou de modo mais coerente e sustentado os aspetos específicos sobre que *A Alta Educação do Padre* incide em tradução – os quais são aspetos que, ignorada a ideologia soteriológica a que autor e tradutor os atrelam, efetivamente se deixam agrupar sob a designação “vida bem-aventurada”;

(II) que se depara em tal livro (*Education and the Higher Life*) com asserções com respeito à VERDADE como as que passo a traduzir a título de exemplo:

(A) “Em quem busque sabedoria, terá de residir um alto objetivo, uma alma vigorosa e **O MAIS PURO AMOR À VERDADE**”;

(B) “**A PAIXÃO PELA VERDADE** e pela **CULTURA QUE A POSSIBILITA** não se dá a sentir devidamente a coração de criança ou de moço”;

(C) “Há que temer a estupidez mais do que a malignidade, uma vez que a ignorância, não a malícia, é a causa mais fecunda do sofrimento humano. Que o conhecimento cresça, **QUE A VERDADE PREVALEÇA!**”¹

Já a introdução a *A Alta Educação do Padre*, da autoria do tradutor, Sena Freitas, confronta-nos, entre outras, com as seguintes considerações a respeito da VERDADE:

(A) “[Este livro] ...dirige-se ao padre... que deseja sinceramente guindar-se à altura do seu caráter e missão; ao [padre]... que não é só ministro, mas amigo, de Jesus Cristo, e [que] anseia por gerá-lo [Cristo] gerando à VERDADE CRISTÃ as inteligências... povoadas de preconceitos, enredadas nas malhas do erro e da pretensa antinomia entre a ciência e religião”;

(B) “Se há um sentimento digno de ser preconizado, nas questões... em que os preconceitos de escola e incompetência e a ignorância... chegam a sobrelevar ao AMOR DESINTERESSADO DA VERDADE, é, esse, o da lealdade”;

(C) “O dever do apologista, do teólogo, do exegeta, consiste em descobrir o erro; nunca em defendê-lo. É campeão da VERDADE RELIGIOSA, não de tradições obsoletas, nem tampouco de hipóteses novas e não demonstradas por ora.”²

Tendo-me visto confrontado assim, tanto pela pena de Spalding como pela pena de Sena, com tão lúcida compreensão da verdade do conceito VERDADE, e com tão subida “paixão pela verdade e pela cultura que a possibilita” (para o dizer por palavras da primeira daquelas duas almas católicas, Monsenhor Spalding), propus-me escrever as páginas deste Preliminar e as que se lhes seguem para dar corpo ao propósito, meu, de pôr em evidência quanto passo a explicitar.

Em primeiro lugar, o “amor desinteressado da verdade” com que o “campeão da verdade religiosa” Sena Freitas lidou com seus leitores – tanto os do princípio do século XX como os do século e do *Zeitgeist* que ora passam – ao sonegar-lhes a verdade das circunstâncias que originaram e condicionaram a produção e a publicação de *A Alta Educação do Padre*.

Em segundo lugar, os efeitos colaterais da “paixão pela verdade”, bem como da paixão “pela cultura que a possibilita”, com que se depara ao atentar com paixão na usurpação de carácter lógico que inquina a utilização do conceito VERDADE por parte de Lancaster Spalding – tal como ela, utilização, se dá a conhecer quer pelos dois textos que compõem em tradução *A Alta Educação do Padre*, quer pelo livro *Education and the Higher Life*.

Trata-se de usurpação de carácter lógico (importa dizê-lo, em virtude do escopo deste meu pequeno livro) que o tradutor, Sena Freitas, emulou de todo (ainda que, sem dúvida, de modo inconsciente). –

Como comprovam tanto (i) os elogios que ele, Sena, tece em nota às sentenças crististas de Lancaster Spalding como (ii) a circunstância isolada de se deter para registar, de igual modo em nota, o seu desacordo de (apenas) uma delas.³ –

Porém, como comprova sobretudo o facto de, à semelhança de Spalding (como irei dar a ver), e feito cego de igual modo por fideísmo e *engagement* ou *parti-*

darismo catolicista, ele mesmo, Sena, se não ter eximido de falar (como se vem de constatar) (i) de “verdade” *tout court*, (ii) de “verdade religiosa” e (iii) de “verdade cristã” sem qualquer reparo ou observação.

Quero dizer o seguinte: sem sequer revelar centelha de consciência de, por exemplo, as designações “verdade cristã” e “verdade católica” vez alguma poderem configurar-se designações de todo sinónimas. — Como se torna evidente, aliás, por via apenas de trazer à mente que a “verdade católica” que quase causou a morte de Martinho Lutero quase causou isso mesmo em virtude, em primeiro lugar, de ser considerada verdade avessa à “verdade cristã” — à *inverdade cristã* — por que o próprio Martinho Lutero e Co. arriscaram suas vidas.

Quem me leia deveras não deduza destas minhas últimas palavras — peço — eu estar a querer inscrever-me, aqui, na ala da esquerda do *partido* religioso que há cerca de dois mil anos assoberba a Mente Ocidental.

(Estou a referir-me, é evidente, à ala que ficou conhecida como “protestante.”)

É que quanto me impulsionou o espírito a produzir as poucas páginas que ora se dão a ler entre as capas desta minha diminuta monografia foi exclusivamente — perceba-se —intolerância, intolerância incondicional, para com a circunstância de ler *A Alta Educação do Pa-*

dre haver, por força, de consistir em deparar com “puro amor” tão-somente a “verdade cristã” ou a “verdade católica” a travestir-se, insultuosamente, em “amor desinteressado da verdade” *tout court*.

Ou seja, significa o mesmo, a travestir-se em “paixão pela verdade e pela cultura que a possibilita.” –

A qual é paixão com relação à qual de modo algum poderá deixar de ocorrer, sempre que se configure paixão ínclita e preclara, porque naturalmente nobre – ao invés de “naturalmente cristã”, – quanto passo a enumerar.

Em primeiro lugar, que efetivamente se comprove paixão por VERDADE *tout court*.

Em segundo lugar, que, por tanto, se comprove paixão desinteressada por instanciar ou *cumprir* o dever-ser da Condição Humana – entendido, este, como dever-ser determinado por *vontade divina* contingente (que, vontade apodíctica, não há como não a cumprir!) Ou, para o declarar com palavras pressupostamente de Cristo, que se comprove paixão por cumprir “a vontade de deus” (τὸ θέλημα τοῦ θεοῦ)!⁴

Em terceiro lugar, que, por tanto, se comprove paixão incondicional por *seliges Leben* ou vida bem-aventurada. Ou seja, paixão por vida redentora de erro, de estultícia, de *vanitas* e da aniquilação em que a morte consiste sem que, para tal, haja de se constituir *peregrinação* com término em recompensa *sub specie* vida eterna.

Em quarto e último lugar, que, sendo assim, se comprove paixão por caminhar “caminho” conducente “a uma vida mais alta e perfeita” “mesmo neste mundo”.⁵ –

Sem que, é evidente, isso haja de acarretar consigo, à revelia do que ocorre pela pena de Sena e pela pena de Spalding, oposição entre (i) mundo satânico e pecaminoso, “este”, *qua* mundo que efetivamente se deixa dominar pelo corpo, e (ii) mundo angélico e virtuoso: o pressuposto mundo só do espírito ou da alma – o “reino dos céus” (ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν) ou “o reino de meu pai” (ἡ βασιλεία τοῦ πατρὸς μου).⁶



*"Verdade" com relação
a omissão de palavras por parte do Tradutor*

PRIMEIRA DIVISÃO

DE ACORDO COM O QUE DISSE no Preliminar que a antecede, esta primeira Divisão deste meu pequeno livro trata do “amor desinteressado da verdade” com que o “campeão da verdade religiosa” Sena Freitas lidou com seus leitores – tanto os do princípio do século xx como os do século e do *Zeitgeist* que ora passam – ao sonegar-lhes a verdade das circunstâncias que originaram e condicionaram a produção e a publicação de *A Alta Educação do Padre*.

Começo pondo em pauta que quem leia pela primeira vez exemplar da publicação original dessa mesma tradução – a publicação de 1909,¹ – não poderá deixar de estranhar, pelo menos, duas circunstâncias, a segunda das quais não poderá, por seu turno, deixar de se mostrar fonte de marcada confusão mental e de estranheza.

Refiro-me, em primeiro lugar, à circunstância de, pleno de vontade de encorajar “sincero zelo e coragem na aquisição” de “conhecimentos mais exatos”,² Sena Freitas ter efetivamente sonogado a seus leitores (por razões que irei apontar de seguida) conhecimento exato dos títulos, das fontes bibliográficas e das circunstâncias da escrita dos “Dois Notáveis Discursos” de Monsenhor Spalding que se dera de traduzir. – Já que, com relação a eles, *discursos*, e com a inexactidão que decorre de os classificar conjuntamente assim mesmo, de “discursos”,³ apenas deu a saber (na Introdução) serem

“dois discursos do insigne Bispo de Peoria, no Illinois, respeitantes à alta educação moderna do clero”.⁴

“[D]ois discursos”? Quais? Com que títulos autorais? Escritos com que fins específicos em vista? Publicados onde, por que publicador, quando? Ou, porventura, publicados na qualidade de capítulos de que livro ou livros do bispo de Peoria?⁵

No espaço quase em branco que a sonegação do conhecimento indispensável de tais factos lhe proporcionou, Sena Freitas limitou-se a facultar, manifestamente movido por “amor desinteressado da verdade,” conhecimento de se tratar de dois “discursos” “que [havia] entendi[do] fazer obra boa, gratíssima ao divino Fundador do clero, e utilíssima ao clero do [s]eu país e do Brasil, vertendo para vernáculo, ou, melhor, nacionalizando, e anotando”.⁶

Refiro-me, em segundo lugar (para retomar fio à meada), a circunstância que requer ser explicitada por via de enumerar três factos que, postos em relação uns com os outros, se mostram assaz feios – e, pois, assaz infelizes.

O primeiro facto é o facto de a terceira página de exemplar de 1909 de *A Alta Educação do Padre* (a contar pela numeração romana) reproduzir “Carta de Monsenhor Spalding ao Cónego Sena Freitas”, a autorizá-lo “a traduzir em portuguez o” seu “livro intitulado *Oportunidade*”, bem como a pedir-lhe que lhe enviasse cópia da tradução após esta ter sido publicada!⁷

O segundo facto é o facto de o tradutor, Sena Freitas, informar seus leitores de *A Alta Educação do Padre* conglomerar “dois discursos do insigne Bispo de Peoria”, como já disse, sem lhes dar a saber de par a par, de modo assaz oblíquo, a verdade – repare-se – de tais discursos não entrarem, nem de perto nem de longe, na constituição do livro *Oportunidade*. Isto é, na constituição de *Opportunity and Other Essays and Addresses* (“*Oportunidade*” e *Outros Ensaios, e Palestras*), que foi publicado pela primeira vez em 1900.⁸

Por que razão, haver-se há, por força, de perguntar, terá o tradutor, o cónego Sena Freitas, procedido assim, de modo tão capaz, afinal, de pôr em dúvida – ou de vir a pôr em dúvida – seu declarado apreço por “amor desinteressado da verdade”?

Resposta: por duas razões.

Por um lado, pela razão, que já apontei, de nenhum dos oito escritos que ocupam as páginas do livro de Spalding que tem por título *Opportunity and Other Essays and Addresses* ter a ver diretamente com a “a alta educação do padre.”⁹

Por outro lado, e com maiores repercussões, pela razão evidente de conhecimento da verdade que venho de explicitar – a verdade de *A Alta Educação do Padre* pouco ou nada ter a ver com o livro *Opportunity and Other Essays and Addresses* – não poder deixar de entrar em contradição flagrante com a presença, logo em

uma das primeiras páginas do próprio *A Alta Educação do Padre*, de transcrição e tradução da carta de Lencaster Spalding a que já fiz referência. A qual, repare-se, se dá a ler assim: “Caro Snr.: É com prazer que auctoriso V. Rev.^{ma} a traduzir em portuguez o meu livro intitulado OPPORTUNIDADE. Quando o volume estiver publicado, queira remetter-me um exemplar.”¹⁰

O terceiro e último dos factos que me encontro a explicitar é este: o facto de, na sua Introdução, Sena Freitas ter intentado *pôr água na fervura* à confusão que antecipou os dois anteriores factos irem, por força, gerar na mente de seus leitores.

Trata-se, em concreto, do facto de, parco número de páginas adentro a referida Introdução, e inspirado pela interpretação ortodoxa de *O Cântico dos Cânticos* ou *Cântico Superlativo*, supostamente de Salomão, Sena Freitas, o padre, ter-se dado de *arregaçar saia* à *oportunidade* de encomiar o livro *Oportunidade* (*Opportunity*) – sem qualquer esclarecimento prévio ou concomitante – na qualidade (ele, Sena) de angariador (*procurer*) para as “núpcias da civilização com a Igreja”.
Veja-se:

Monsenhor Spalding parece ter recebido da Providência um destino similar, e ter ouvido a mesma voz, não de Lacordaire, mas do alto. Todos os discursos que

compõem o seu precioso livro *Opportunity* preenchem com um fulgor e uma competência singular este mandato – derramam excelentes ideias, originais, luminosas, fecundas, oportunas e alicerçadas num largo conhecimento experimental da sua época e dos homens. A epígrafe geral do livro podia ser o mote do brasão da família Chateaubriand – *Je sème l'or*, – porque, na verdade, semeia a fluxo o ouro, nos amplos horizontes que nos rasga, na elevação das vistas que nos descobre, na prudência consumada dos seus conselhos, no encarecimento esclarecido com que nos urge o amor do estudo e dos conhecimentos gerais, mesmo profanos, naquela linguagem, digna e por extremo insinuante, que emprega, para atrair sobre a alma do padre as núpcias da civilização com a Igreja, como um dos melhores fatores e mais seguros coeficientes do triunfo desta sobre o século.¹¹

Após ter lido a carta de Lencaster Spalding que citei há pouco, que leitor de *A Alta Educação do Padre* que se encontre ou se encontrasse desapossado de conhecimento do livro *Opportunity* poderá ler ou ter lido este encómio incandescente de amante da VERDADE por

procuração de amante da Igreja – diga-se-me – sem ficar ou ter ficado absolutamente convencido de ser verdade incondicional estar a poucas páginas de encetar leitura de tradução para português daquele mesmo livro de Spalding – *Opportunity*, – ou, pelo menos, de parte dele?

Isso mesmo, é claro, não obstante o nome “padre” (*priest*), que avulta quer na Introdução *A Alta Educação do Padre*, quer nos dois textos que se lhe seguem em tradução, surgir no livro *Opportunity (and Other Essays and Addresses)* tão-somente quatro vezes. Três delas, *en passant*; a outra, em passo que, pelo menos em vista dos procedimentos que tenho vindo a pôr em pauta, o “Rev.^{mo} Snr. Conego Senna Freitas” não terá tomado, afinal, em “alta” consideração.

Refiro-me a passo que se dá a ler na página trigésima-nona de *Opportunity*, o qual (passo) corre, em tradução minha, assim: “Que um homem tenha um propósito, que delibere e trabalhe para se tornar um bom mecânico ou comerciante, ou cultivador ou advogado, ou médico ou professor, ou padre; porém, que tenha, antes do mais, vontade de e coragem para se tornar verdadeiro homem, dado que, de contrário, não haverá nele valor.”¹²

E, agora, que satisfação terá dado, o “verdadeiro homem” Sena Freitas – antes de o “verdadeiro” “padre” ou o padre verdadeiro Sena Freitas – ao pedido de

Monsenhor Spalding: o pedido de ele, Sena, lhe enviar exemplar da tradução para português de *Opportunity*?!

Venho de dar a saber que “amor desinteressado” à VERDADE incentivou o cónego Sena Freitas a sonegar a seus leitores a verdade de *A Alta Educação do Padre* não ser – ao arrepio de todas as expetativas que ele mesmo criou em seus leitores – tradução do livro *Opportunity*.

Ora, isso mesmo não poderá, certamente, ter deixado de ficar a dever-se em primeira instância não aos motivos que compeliram o tradutor (Sena Freitas) a incluir no próprio *A Alta Educação do Padre* a carta de Spalding de que tenho vindo a falar, mas sim os motivos por que tal carta se configurou *ab initio* veículo de permissão para “traduzir em portuguez o... livro intitulado OPPORTUNIDADE”, ao invés de veículo de permissão para traduzir o sermão e o discurso que o próprio tradutor (Sena Freitas) efetivamente veio a traduzir. Muito embora se trate de motivos que, por si só, aquela tradução, *A Alta Educação do Padre*, de modo algum deixa sequer vislumbrar.

Digo “em primeira instância” porque há manifestamente que entrar em conta, de par a par com esses mesmos motivos, com a circunstância evidente de Sena Freitas se ter visto constrangido a agir daquele modo para não deixar ficar *mal visto* não só ele próprio, o tradutor, mas também o Ex.^{mo} Rev.^{mo} Snr. Bispo de Coimbra. –

O qual se deu de declarar, em carta que de igual modo se encontra transcrita numa das primei-

ras páginas de *A Alta Educação do Padre*, o seguinte: “Pelo pouco que lemos no livro *Opportunidade*, de Mgr. [Monsenhor] Spalding, ...que o M. R. [Meretíssimo Reverendíssimo] conego Senna Freitas traduziu e anotou dando-lhe o título de *Alta Educação do Padre*, e pelo que nos informam a respeito delle, não só o approvamos, mas recomendamos a sua leitura ao nosso Clero....”¹³

Em vista disto – porém, sobretudo em vista do segmento discursivo “Pelo pouco que lemos no livro *Opportunidade*, de Mgr. [Monsenhor] Spalding”, – não há, certamente, que duvidar de o Ex.^{mo} Rev.^{mo} Snr. Bispo de Coimbra ter prezado “amor desinteressado da verdade” tanto quanto, pelo menos, “o M. R. [Meretíssimo Reverendíssimo] conego Senna Freitas”!

Agora, tem-se, sem dúvida, em resultado de quanto venho de dar a saber, o que se segue.

Em primeiro lugar, que leitor desprevenido de *A Alta Educação do Padre* que não seja desprovido de inteligência e de perspicácia dirige olhos ao frontispício de 1909 daquela mesma tradução, e, por força, dá por si a representar mentalmente: *Ah, é tradução de dois notáveis discursos de Monsenhor Spalding.*

Em segundo lugar, que um tal leitor de *A Alta Educação do Padre* – um tal leitor – avança três páginas, dirige olhos à referida carta de Lancaster Spalding, e, por força, dá por si a representar mentalmente, reminescente de seu frontispício de partida: *É, afinal, tradução de Opportunidade!*

Em terceiro lugar, que um tal leitor de *A Alta Educação do Padre* – um tal leitor – avança mais meia dúzia de páginas, dirige olhos ao encómio a *Opportunity* que citei, e, por força, se vê a representar mentalmente: *É efetivamente tradução de Oportunidade!*

Em quarto e último lugar, que um tal leitor de *A Alta Educação do Padre* – um tal leitor – avança mais uma página, depara com a declaração de o tradutor ter encetado tradução de “dois discursos do insigne Bispo de Peoria”, e, por força, dá por si a representar mentalmente: *Dois discursos que fazem parte, ou não fazem, do livro intitulado OPORTUNIDADE?! Não há que duvidar. É tradução de Oportunidade!*

Em busca de mais informação, um tal leitor de exemplar de 1909 de *A Alta Educação do Padre* – um tal leitor – voltaria atrás, sem dúvida, para reler com mais atenção as páginas iniciais daquela mesma tradução.

Quase de certeza, daria por si, então, a representar mentalmente o seguinte: *Sim, não há que duvidar. É, de certeza, tradução de Oportunidade! Como atesta, aliás, o consentimento expresso do Autor, Monseñor Spalding, e a aprovação preclara e sincera do Ex.^{mo} Rev.^{mo} Snr. Bispo de Coimbra, que se deu de a dispensar após ter lido “pouco” do “livro Oportunidade, de Mgr. Spalding,” o qual o “M. R. [Meretíssimo Reverendíssimo] Cónego Senna Freitas traduziu e anotou dando-lhe o título de A Alta Educação do Padre”!*

*"Verdade" com relação
a palavras por parte do Autor*

SEGUNDA DIVISÃO

DÁ-SE-ME A DIZER AQUI, no início desta Segunda Divisão, que toda a universalidade haverá, por força, de ter por fundamento lógico um ou mais princípios. Com o resultado de isso mesmo haver de se verificar também no caso específico da *universalidade* que, por via do qualificativo grego καθολικός, se configura etimologicamente sinónima de “catolicidade.” Cujos princípios indispensáveis (os de tal *universalidade* ou catolicidade) se constituem dogma não, afinal, no sentido filosófico que o nome “dogma” veio a adquirir mais tardiamente – isto é, não no sentido que faz, no dizer de Kant, que “cognição dogmática” seja “cognição universal” ditada “*a priori* pela razão”,¹ – mas sim no sentido que esse mesmo nome, o nome “dogma,” ainda hoje compartilha com o termo grego δογματικῶς. Significa isto, no sentido etimológico “o que se cogita ser verdade” (e se institui como tal) com relação a certos princípios ou com relação a uma certa doutrina.² –

O qual é sentido que, de igual modo por palavras de Kant, faz que cognição dogmática se configure cognição por parte de pensadores que, sendo “desconhecedores” (*Unwißende*), “se deliciam com tudo decidir, e se comprazem com nada investigar”.³

Muito para além de Kant, contudo, o entendimento atual de “dogma” por parte da Igreja Católica é, como Gerald O’Collins regista no seu livro *The Case Against Dogma*, o entendimento de que o termo – o ter-

mo “dogma” – expressa o significado “verdade divinamente revelada” (“divinely revealed truth”).⁴

Sendo, pois, que se depara já aqui, neste entendimento de “dogma” (com repercussão inevitável quer na Introdução de Sena Freitas, quer nos dois textos de Lancaster Spalding que ele se deu de traduzir) com divisão ou *divisio* do conceito analítico VERDADE NOS CONCEITOS SINTÉTICOS (I) VERDADE NÃO REVELADA e (II) VERDADE REVELADA. A qual é divisão de índole lógica ou formal não passível de todo de ser justificada materialmente com fundamento na realidade, e, pois, com fundamento objetivo. Com o resultado inevitável de se configurar divisão determinada, ela mesma, de modo dogmático.⁵

A tanto, acresce, aliás, que se trata aqui não apenas da divisão que venho de referir: a divisão do conceito genérico VERDADE NOS CONCEITOS ESPECÍFICOS (I) VERDADE NÃO REVELADA e (II) VERDADE REVELADA. A qual é divisão que, com ocasionar a identificação da própria “verdade revelada” como “verdade religiosa” (“religious truth,” pela pena de Lancaster Spalding), ocasiona a divisão ou *divisio* daquele mesmo conceito, o conceito genérico VERDADE, nos conceitos, de igual modo específicos e sintéticos, (I) VERDADE NÃO RELIGIOSA (NÃO REVELADA) e (II) VERDADE RELIGIOSA (REVELADA).⁶

Efetivamente, não se trata aqui, como venho de dizer, apenas de divisão do *conceptus superior* VERDADE NOS *conceptus inferiores* (I) VERDADE NÃO REVELADA

e (ii) VERDADE REVELADA. Trata-se de igual modo de apropriação voluntariosa e de *partidarização* ou ideologização do conceito específico VERDADE RELIGIOSA, as quais são apropriação e *partidarização* com que se depara – já o dei a ver⁷ – tanto na Introdução de Sena Freitas como nos textos de Lancaster Spalding que ele, Sena, se deu de traduzir.

Falo de “apropriação voluntariosa” e de “*partidarização* ou ideologização” sobretudo em virtude de tal introdução (a de Sena Freitas) e tais textos (os de Spalding) identificarem “verdade religiosa” exclusivamente como “verdade religiosa cristã” (“Christian truth”) e esta (“verdade religiosa cristã”) exclusivamente como “verdade religiosa católica” (“Catholic truth”).⁸

À pressuposta “verdade religiosa,” Spalding refere-se, por exemplo, ao afirmar (em passo que Sena Freitas não se deu de traduzir por completo): “It is enough for my purpose to point out that[,] if intellectualism is often the foe of RELIGIOUS TRUTH, there is no good reason why it should not also be its ally”.⁹

Dessa mesma verdade – da pressuposta “verdade religiosa,” – *qua*, agora, verdade exclusivamente cristã, e, pois, *qua* verdade privada de *clube* ou *partido* religioso, Spalding fala, por exemplo, no seguinte passo (que cito na tradução de Sena Freitas): “Em virtude da sua origem divina, tem, a Igreja, o direito supremo e absoluto de ensinar a VERDADE CRISTÃ”.¹⁰

Repare-se: “a verdade cristã”. Ou seja (contínuo a citar Spalding), “a verdade divina que Jesus veio revelar ao mundo”.¹¹

Veio revelar “ao mundo”?

Também ao mundo real, o mundo que não tem como deixar de se reger pela verdade *divina* – esta, sim, *divina* – da força da gravidade, por exemplo?

Ou tão-somente ao mundo ideal que constitui o animal humano, *qua* mundo sobretudo da imaginação, do sentimento e do amor-próprio?

Por último, é no passo que irei citar de seguida, que Spalding fala da pressuposta “verdade católica” – de todo inconsciente da ironia que por força terá de decorrer de apodar de “católica” ou de “universal” (entrando em conta com a etimologia do termo) verdade logicamente ainda mais de *clube* ou de *partido* religioso. Já que a extensão lógica do conceito superior CRISTIANISMO é, sem dúvida, muito mais abrangente do que a extensão lógica dos conceitos inferiores CATOLICISMO, LUTERANISMO, CALVINISMO, ANGLICANISMO, etc., que por ele são subsumidos.

Referia-me atrás a este passo, que transcrevo de igual modo na tradução que Sena Freitas lhe deu: “Quando os sacerdotes forem capazes de possuir esta alta cultura do estudo das disciplinas religiosas, então, ver-se-á... a VERDADE CATÓLICA iluminar e derramar um bálsamo salutar sobre os pensamentos e as opiniões contemporâneos”.¹²

Τί ἐστὶν ἀλήθεια, “que é a verdade?” – assim mesmo, em grego, no texto original de João 18:38). Τί ἐστὶν ἀλήθεια, terá perguntado ao judeu Yeshua, como é consabido, o governador romano Pôncio Pilatos. Sem dele ter obtido resposta, quer em grego, quer em latim, quer, como seria de esperar, em aramaico.

Ora, na vida do dia a dia, a VERDADE confronta-nos em primeira instância na qualidade de verdade epistemológica *realiter*. Isto é, na qualidade não meramente de correspondência entre (I) conceito e (II) representação mental que o instancie, a qual é correspondência que se configura tão-somente critério MATERIAL de verdade *idealiter*, mas sim na qualidade de correspondência entre (I) conceito e (II) intuição (*Anschaung*). Ou seja, na qualidade de correspondência que, de todo pelo contrário, se configura critério MATERIAL de verdade *realiter*.

Pronuncio-me, percebe-se, com respeito a verdade *realmente* (objetivamente) *in concreto*. A qual, como de igual modo se percebe, julgo, se configura, em termos qualitativos, verdade oposta a verdade idealmente (subjetivamente) *in concreto* – que é, por força, a verdade com que haverá de se deparar ao deparar com instanciações (*in mente*) de conceitos como RELIGIÃO, CRISTIANISMO, CATOLICISMO, CULTURA, DEMOCRACIA, etc. Assim sendo em virtude de, por natureza, se tratar de conceitos, esses, passíveis de ser instanciados não por

intuição exterior (*äußere Anschauung*), mas por mera representação mental (*Vorstellung*), encontre-se esta, ou não, determinada (em maior ou menor grau) por intuição interior (*innere Anschauung*) de afetação (*affectio, Affekt*) ou sentimento (*Gefühl*).

A critério MATERIAL de VERDADE, opõe-se, é evidente, critério FORMAL de VERDADE. Devendo entender-se por este último, por critério FORMAL de VERDADE, critério pertinente exclusivamente ao *lado* subjetivo ou representacional do conhecimento, e, porquanto, critério que de todo terá de deixar de fora o *lado* objetivo do próprio conhecimento. Sendo que é exclusivamente quando o conceito VERDADE se encontra instanciado tão-somente por esse modo – idealmente–subjetivamente, – que se torna possível fazer quanto, quais crianças envergando cueiro do intelecto, a gorjear impelidas sobretudo por sentimento em geral e por amor próprio em particular, Spalding, Sena e todos os outros incontáveis proponentes dogmáticos de VERDADE se dão de fazer sem sequer *piscar the mind's eye*.

Refiro-me a isto: a afirmar poético-metaforicamente, à revelia de toda e qualquer intuição (*Anschauung*) de realidade (*Wirklichkeit*) – e, pois, sem que possa haver oposição (*Gegensetzung*) por parte de lei *divina* objetiva que lhes contradiga a posição (*Setzung*), – a *verdade última* do mais diáfano *figmentum* que a imaginação e o sentimento neles fabriquem, e que a faculdade

da vontade (*Wille*) lhes determine considerar *sub specie* ente ou evento, *factum*, imanente ou transcendente.

Limito-me a dar como exemplo de quanto venho de dizer a seguinte afirmação ou judicção (*Beurteilung*) por parte do bispo de Peoria Lancaster Spalding (a qual transcrevo na tradução que Sena Freitas lhe deu, não obstante esta a veicular com *tonalidades* discursivas que desconhece *qua* afirmação original): “Todos os que reconhecem no Messias o próprio Verbo de Deus não podem recusar-se a escutar a voz da sua Igreja visível, quando ela enuncia as verdades pertinentes à religião e à salvação do homem.”¹³

A Igreja Católica a enunciar “as verdades pertinentes... à salvação do homem”?

“Pertinentes... à salvação” de todos e quaisquer homens, *qua* membros da espécie ANIMAL RACIONAL?

Ou tão-somente “pertinentes” à pressuposta “salvação” dos homens “que reconhecem no Messias o próprio Verbo de Deus”? – Quer reconheçam, quer não reconheçam, que haverá, um tal “Verbo,” de verbalizar!

É que, por exemplo, jamais poderá tratar-se de “verdades pertinentes” a salvação (σωτηρία) ou a redenção (λύτρωσις) por parte do animal racional que, sem dúvida, eu sou!

“Verbo”? Que verbo?

Conjugado em que modo e em que tempo?

A ter sido operada por determinação do enten-

dimento (*Verstand*) e da razão (*Vernunft*), ao invés de por determinação de mero apego sentimental a mera tradução de fórmula evangélico-ideológica,¹⁴ não haveria aquela referência, a referência seniana a “Todos os que reconhecem no Messias”, etc., de terminar não com a fórmula “Verbo de Deus”, que estimo fórmula *pedestre*, fórmula *para peões* do “curral de quem governa o céu rotundo” (cito Camões), mas com a designação “a racionalidade–logicidade da divindade” – *sub specie* fórmula derivada da mais joeirada asserção joanina καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος? ¹⁵

“Sua Igreja visível”?

Por oposição lógico-ontológica à verdade invisível de que Igreja ou Assembleia (*Ecclesia*) invisível?

Ao invés, é certo, de por determinação formal – tão-somente formal – de verdade ideológica congeminada a partir das entrelinhas, de entre outros, do manifesto *De civitate dei* (o qual, estimo ser evidente, Agostinho bem poderia ter intitulado *De civitate dogmatum*).

Em virtude de quanto venho de interrogar, tem-se, sem dúvida, que a afirmação ou judicação (*Beurteilung*), do licenciado em teologia Lancaster Spalding, que citei atrás, antes de ter passado a questioná-la, dá a compreender *par excellence* com que se depara ao deparar com verdade estética (*ästetische Wahrheit*) a arrogar-se indevidamente universalidade, a qual se dá de valer exclusivamente (a própria universalidade) em sede de verdade determinada lógico–ontologicamente e, pois, de índole epistemológica.

Quero dizer: ao deparar com usurpação de universalidade por parte de verdade determinada por αἴσθησις (*aísthēsis*), considerada *sub specie* sensação interna (*innere Sinnlichkeit*), e, pois, por parte de verdade determinada acima de tudo por sentimento de prazer (*Gefühl der Lust*) ocasionado por promessa de salvação eterna no seio transcendente de ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν (“o Reino dos Céus”).¹⁶

(Em resultado de ter cogitado quanto acabo de registrar, vejo-me compelido a interpor este parêntesis, para perguntar o seguinte a quem porventura esteja a ler-me deveras: Não haveria, espírito apossado de *paideia* helénica, *paideia* pagã, de deparar com tal promessa de estirpe poética (dirigida sob o aspeto de parábola às gentes “pobres em espírito” da Judeia) a mostrar-se-lhe promessa de salvação de carestia de *cultura animi* por via de atualização *in individuo* (também, afinal, *in individuo* gentio) de “*paideia* do Senhor” (παιδεία κυρίου)⁷¹⁷ prestes a vir a ser subentendida, e dessiminada, como “*paideia* de Cristo” (παιδεία χριστοῦ)?¹⁸

Ensejo dizer: promessa de salvação de carestia de *cultura animi* por via de *arar* solo espiritual *para* o Reino dos Céus na Província Romana (porquanto, terrena) da Judeia, à revelia da vontade de todo transitória de Tibério. Ou seja, por via de, arado do espírito a *lavar*, passar a cultivar não “a vontade minha” (τὸ θέλημα τὸ

ἐμὸν), mas – repare-se – “a vontade do que me há enviado” (τὸ θέλημα τοῦ πέμψαντός με),¹⁹ entendendo “vontade” (θέλημα) aqui, neste segundo complemento direto, *qua* vontade intransitória eternamente determinante (à revelia de Tibério) da perfeição ou do dever-ser, formal e contingente, da espécie HOMEM).

Retomando, agora, o argumento que vinha a discorrer, importa que dei a saber que Kant afirmou o seguinte com respeito à variante de VERDADE – verdade estética – a que, então, me referia:

...o que mais conta [nela] não é que a cognição concorde com o *objeto*, se sequer chegar a concordar com as leis da nossa sensibilidade. Poeticamente verdadeiro, é-o quanto se encontra de acordo com aparência ou ilusão; não quanto é logicamente verdadeiro. Os preconceitos com que comumente se depara configuram-se verdade estética.²⁰

De igual modo nas suas Lições de Lógica, o próprio Kant relevou quanto se segue:

...considerada formalmente, a verdade consiste apenas em acordo da cognição com ela

mesma, em completa abstração de todos e quaisquer *objetos* e de toda e qualquer diferença entre estes. E, por conseguinte, os critérios universais formais de “verdade” mais não são do que marcas lógicas universais de acordo da cognição com... as leis universais do entendimento e da razão. [...]

No âmbito da lógica, os critérios formais de verdade são: (1) o *Princípio de Não-Contradição*; (2) o *Princípio de Razão Suficiente*.²¹

O PRINCÍPIO DE NÃO-CONTRADIÇÃO determina que não poderá deparar-se com possibilidade *formaliter* de VERDADE sempre que a cognição entre em contradição com ela mesma – que é, por exemplo, o que ocorre na proposição: *Considerado na qualidade de Absoluto, Deus configura-se Bem absoluto*.

Por seu turno, o PRINCÍPIO DE RAZÃO SUFICIENTE determina que não poderá deparar-se com possibilidade *formaliter* de VERDADE sempre que a cognição não encontre razão (*Grund, ground*) que a fundamente e justifique logicamente de modo suficiente – que é, precisamente, o que ocorre, por exemplo, na proposição: *O conceito analítico VERDADE é divisível nos conceitos sintéticos VERDADE REVELADA e VERDADE NÃO REVELADA*.

Agora, se ocorre (no dizer de Kant) que “Estes critérios FORMAIS universais não são, sem dúvida, crité-

rios suficientes de verdade objetiva”,²² também ocorre quanto passo a explicitar.

Em primeiro lugar, ocorre que se não torna possível sequer conceber critério MATERIAL universalmente válido *per formam generis*. Isto é, na qualidade de critério válido para a verdade ou inverdade da cognição de todos e quaisquer *objetos* (entes, eventos e relações entre eles). Vale dizer, sob o aspecto de critério de correspondência entre (i) todo e qualquer conceito e (ii) todas as suas instanciações, quer estas se configurem (i) representação mental *in concreto* (e, pois, instanciação de índole subjetiva ou *idealiter*) ou (ii) intuição sensível (e, pois, instanciação de índole objetiva ou *realiter*).

Em segundo lugar, ocorre que, muito pelo contrário, se torna possível encontrar critério MATERIAL válido universalmente para a verdade ou inverdade da cognição desta ou daquela espécie de *objetos*. Por exemplo, critério que permita determinar, na qualidade de critério universalmente válido, se deveras se depara ou não com correspondência entre (i) a formalidade–subjetividade do conceito TEMPERATURA *qua* FEBRE e (ii) a materialidade–objetividade de toda e qualquer experiência sensível de | TEMPERATURA *qua* FEBRE |.

Considerada por este último ponto de vista, *qua* correspondência entre (i) subjetividade (formalidade lógica) e (ii) objetividade (materialidade real ou realidade), a VERDADE configura-se ocorrência de veridicidade recí-

proca entre representação mental (*Vorstellung*) e intuição (*Anschauung*). Isto é, configura-se tanto veridicidade (fidedignidade) da própria representação mental à intuição como, inversamente, veridicidade (fidedignidade) desta última (a intuição) à própria representação mental. –

Do mesmo modo que expressão discursiva ou proposição veraz (ao invés de inveraz, *qua* mentira) haverá, por natureza, de se configurar veredicidade recíproca (correspondência verídica) entre (i) ela mesma (expressão ou proposição) e (ii) (experiência–consciência de) VERDADE EPISTEMOLÓGICA ou (ii) (experiência–consciência de) VERDADE ESTÉTICA (*ästetische Wahrheit*) – entendida, esta última, quer *sub specie* (i) verdade representada (*vorgestellt*) imaginativamente (*e.g.*, a verdade O PAI NATAL VESTE ROUPA VERMELHA E TEM BARBA BRANCA ou a verdade CRISTO TINHA CABELOS LOUROS E OLHOS AZUIS), quer *sub specie* (ii) verdade sentida ou sensitiva (*e.g.*, a verdade AMO A MARIA MAIS DO QUE A MIM MESMO).

Retomando, agora, fio à meada, sugiro que se pense, por exemplo, em veridicidade da representação DOR DE DENTES à sensação | DOR DE DENTES |, e vice-versa. Uma vez que proceder assim não poderá deixar de dar a apreender, sem dúvida, em que haverá de consistir, de facto, toda e qualquer verdade determinada objetiva ou *realmente*. Muito em particular, se se pensar na sensação, na objetividade, | DOR DE DENTES | na qualidade, tão somente ela, de *verdadeira* (assaz intensa) | DOR DE DENTES |.²³

Em alternativa, mas, sem dúvida, com grau de elucidação *sentidamente* semelhante, pense-se em experiência de verdade objetiva – de veridicidade mútua entre mera representação mental e intuição – *sub specie* experiência de | EMBATE VIOLENTO DE DOIS COMBOIOS UM CONTRA O OUTRO |.²⁴ Isto é, pense-se, para abreviar, em experiência de verdade objetiva decorrente da chamada “impenetrabilidade da matéria.” A qual é de todo (a impenetrabilidade da matéria) o atributo apodítico (*divinamente* ordenado *ad aeternum*) que se dá a constatar ao pensar comprovar-se universalmente impossível, que dois corpos ocupem um só espaço a um só tempo – pelo menos, no mundo imanente!

Ora, o tipo de VERDADE que aqui e agora estou a considerar é verdade – repare-se – que se dá de valer ininterruptamente para todos e quaisquer sujeitos. Com o resultado de se configurar verdade efetivamente válida de modo apodítico, e, pois, de modo universal. Bem como com o resultado, não menos inegável, de jamais se configurar verdade passível de ser ideologizada ou *partidarizada*, por via, por exemplo, de lhe adicionar lógico-discursivamente o predicado (o adjetivo relacional) PORTUGUESA (de modo a obter “verdade portuguesa”), o predicado genérico REVELADA (de modo a obter “verdade revelada” e, por esse modo, a opô-la a “verdade não-revelada”) ou, por fim, o predicado específico CATÓLICA (de modo a obter “verdade católica”).

Contudo, com que se depara, por exemplo, no primeiro dos dois textos que constituem, em tradução, *A Alta Educação do Padre?* Isto é, com que se depara no sermão *Education and the Future of Religion* ou (na tradução sorrateira de Sena Freitas) “Educação e o Futuro Religioso”?

Depara-se com Lancaster Spalding a identificar verdade objetiva com verdade de todo subjetiva. Ou seja, depara-se com ele, Spalding, a identificar (i) verdade que se impõe ao pensamento e se dá a representar com o *ca-libre*, por exemplo, de a verdade da experiência sensível | DOR DE DENTES | com (ii) a verdade que designa “verdade revelada.” A qual, para além de se configurar verdade tão-somente posta (*gesetzte, posited*) pelo pensamento (humano), ao invés de se configurar verdade imposta *divinamente* ao próprio pensamento (humano), manifestamente se configura verdade de todo desprovida de fundamento ou razão suficiente (*zureichender Grund*).

Estou a referir-me, em primeiro lugar, a asserções como a que se segue, na qual se depara – como efetivamente deveria ocorrer em primeira instância – com “toda a verdade” (“all truth”) *sub specie* tão-somente verdade objetiva: “[aos homens,] desluz-se-lhes da mente que **TODA A VERDADE** é ortodoxa, e que, por trás de **TODA A VERDADE**, se encontram a verdade e o poder de Deus, patenteados, assim, nas leis da ciência, como na majestade das montanhas eternas e dos céus cravejados de estrelas.”²⁵

Estou a referir-me, em segundo lugar, a asserções do *calibre* desta: “TODA A VERDADE é ortodoxa, quer provenha da revelação, sancionada pela voz infalível da Igreja, quer a recebamos sob a forma de uma teoria certa e científica.”²⁶ A qual é asserção em que já se depara, com relação ao conceito VERDADE, cuja extensão lógica não poderá deixar de abarcar “toda a verdade” (“all truth”), com *divisio* que de modo algum se deixa “sancionar” por imposição objetiva (porquanto, “infalível”) por parte da realidade!

Falo de novo, é evidente, de *divisio* daquele mesmo conceito (o conceito VERDADE) nos conceitos inferiores (I) VERDADE REVELADA e (II) VERDADE NÃO REVELADA. A qual é *divisio* que de todo se encontra determinada pela *differentia specifica* que separa VERDADE SUBJETIVA – verdade meramente posta (*gesetzte, posited*) e, como tal, sancionável “pela voz...da Igreja” – de (II) VERDADE OBJETIVA ou IMPOSTA.

Como se percebe, julgo, o bispo Spalding considera esta segunda espécie de verdade, objetiva ou imposta (tanto à sensação como ao pensamento), de modo enviesado. – Já que se lhe refere não diretamente, mas na qualidade oblíqua de verdade determinável, com correção ou não, afinal, “por uma teoria certa e científica.”

Sendo que é isso, que lhe faculta considerá-la verdade “ortodoxa” à revelia de sanção por parte da Igreja – sem se aperceber de todo de que, por exemplo, a

verdade objetiva que se experiencia ao experienciar | DOR DE TENDES | jamais será passível de ser considerada “ortodoxa” ou heterodoxa (em virtude, precisamente, de se comprovar verdade imposta). – De todo ao contrário de quanto sempre haverá de se verificar, sem dúvida, com relação a “teoria certa e científica” que, com explicá-la, justifique a sua possibilidade. Ou seja, que contribua, por esse modo, para (no dizer de *Essay on Man*, do poeta Alexander Pope) vindicar “the ways of God to man.”

Passo, agora, a referir-me, para retomar o fio à meada, a asserções como a que irei citar em bloco recolhido com, então, a feição discursiva que Lancaster Spalding lhe concedeu, em virtude de a tradução (ou nacionalização) a que Sena Freitas a submeteu de modo algum facultar fazer-lhe justiça.

Trago em mente asserção (a que venho de mencionar) que confronta quem a leia com HARMONIA que de todo se comprova HARMONIA meramente posta (*gesetzt, posited*) ou enunciada, na qualidade específica de HARMONIA entre (i) verdade subjetiva, *qua* verdade revelada a “the deepest thought”, e (ii) verdade objetiva. Sendo que essa mesma asserção não menos confronta quem a leia com o pressuposto – com a mera enunciação – do seguinte: de conhecimento da segunda de tais verdades (a verdade objetiva) ser passível de se constituir fundamento ou razão suficiente da primeira (a verdade revelada e, porquanto, subjetiva). A qual é verdade (a que acabo de

mencionar, de carácter subjetivo) que vem a assumir – repare-se – a fisionomia por de mais particular (por de mais de *clube* ou de *partido* religioso) de “a verdade da nossa fé (“the truth of our faith”).

Constate-se:

The fundamental principle of the Catholic theologian and apologist is that there is harmony between revelation[,] rightly understood, and the facts of the universe[,] rightly known; and[,] since this is so, the deepest thought and the most certain knowledge must furnish the most irrefragable proof of the truth of our faith.²⁷

Note-se quão se depara aqui com ausência até mesmo de condição FORMAL de VERDADE. Isto é, de modo mais concreto, quão se depara aqui com ausência de não-contradição, e, pois, com presença flagrante desta última (contradição).

Em primeiro lugar, tem-se que “The fundamental principle of the Catholic theologian and apologist is that there is harmony between revelation[,] rightly understood, and the facts of the universe[,] rightly known”.

Em segundo lugar, tem-se, porém, não CONSEQUENTE de uma tal HARMONIA – como seria de esperar, – mas tão-somente o CONSEQUENTE de o princípio de ela,

HARMONIA, ocorrer ser princípio esposado pelo teólogo e pelo apologista católicos.

Atente-se em que assim é, de facto: em que é efetivamente em consequência de se verificar que “this is so” (“posto isto”, na versão seniana) – e, pois, em consequência de se verificar que o teólogo e o apologista católicos esposam o “princípio fundamental” de subsistir HARMONIA entre a verdade subjetiva da “revelação” e a verdade objetiva de “the facts of the universe”, – que tanto conhecimento de índole meramente subjetiva (“the deepest thought”) como conhecimento de índole objetiva (conhecimento de “the facts of the universe”) haveriam de fornecer prova da verdade revelada de “a nossa fé”!

Para além disso, o “princípio fundamental” com que se depara aqui (“The fundamental principle of the Catholic theologian and apologist”) configura-se princípio de todo desprovido de razão suficiente. – Já que a HARMONIA que ele determina meramente *idealiter* haveria de se configurar HARMONIA entre verdades lógica e qualitativamente díspares. Melhor dizendo, entre verdades que, lógica e qualitativamente, se repugnam.

Como é óbvio, ocorre aqui e agora o seguinte: que falo, por um lado, de (i) a verdade qualitativa da “revelação,” a qual se configura, ela mesma, verdade revelada em espírito, e a qual, porquanto, se comprova verdade tão-somente pensada ou posta (*gesetzt, posited*);

que falo, por outro lado, de (ii) a verdade qualitativa de “os factos do universo,” a qual, inversamente, se configura verdade material *sub specie* verdade intuída e, pois, imposta *realmente* à percepção (*Wahrnehmung*).

Ora, a disparidade e a repugnância mútua que venho de explicitar não contradizem exclusivamente o ANTECEDENTE do raciocínio ilógico de Spalding. Ou seja, não contradizem apenas a HARMONIA que ele deduz do “princípio fundamental” a que se refere (“The fundamental principle of the Catholic theologian and apologist”). Não. Tal disparidade e repugnância mútua contradizem de igual modo, como não poderia deixar de ser, o respetivo CONSEQUENTE (o consequente do antecedente “harmonia”). Nomeadamente, o CONSEQUENTE de haver de se verificar o *facto* (a verdade pressuposta) de a “verdade da nossa fé” encontrar fundamento tanto de carácter subjetivo como de carácter objetivo. —

Sendo que essa mesma verdade, a “verdade da nossa fé”, haveria de receber fundamento de carácter subjetivo (inevitavelmente subjetivo) da parte de “the deepest thought”. — O qual é “pensamento” que, afinal, se comprova sede e fundamento (meramente subjetivo) da “revelação” de tal verdade, a “verdade da nossa fé”, ao invés de se comprovar (em oposição ao que Lencaster Spalding cogitou ocorrer) “prova irrefragável” desta última (da própria “verdade da nossa fé”).

E sendo, também, que a verdade que ora ponho em pauta (de novo, a “verdade da nossa fé”) haveria de receber fundamento de carácter objetivo (agora, de carácter objetivo) da parte de “o conhecimento mais indubitável” de “os factos do universo” (“the most certain knowledge” de “the facts of the universe”). —

O qual, contudo, é conhecimento que se comprova, por natureza, incapaz de servir de fundamento ou de razão suficiente a toda e qualquer verdade “revelada” (seja, ela, ou não, a verdade meramente posta, subjetiva, de a “nossa fé”). Como se torna, aliás, evidente ao considerar tratar-se de conhecimento circunscrito exclusivamente a verdade dada (*gegeben, given*), intuída ou recebida *realmente* (ao invés de “revelada” ideacionalmente ou em espírito). E, pois, circunscrito exclusivamente a verdade objetiva e, por tanto, comprovável de modo experimental ou empírico.

Contudo, com que se depara, de novo, em *Alta Educação do Padre?*

Por um lado, depara-se com o bispo Lencaster Spalding a garantir a seus leitores (agora, na tradução de Sena Freitas) o seguinte: que a mera circunstância de “os teólogos e apologistas católicos” terem “erigido” “em princípio fundamental” “que deve haver harmonia ou concordância entre a revelação... e os fenómenos do universo” haverá de ocasionar que “o pensamento mais profundo e a ciência mais exata” forne-

çam “as provas mais irrefutáveis (no terreno racional) da verdade da nossa fé.”²⁸

Por outro lado, depara-se com o tradutor, o cónego Sena Freitas, a mostrar-se, em sua Introdução, sua Comentação e, inclusive, sua Tradução, mente meramente amante das *verdades* que, via de fidúcia, hão sido reveladas imaginativa e puerilmente ao amor-próprio, e pelo amor-próprio, da “Igreja”.

Sim, quero dizer: *reveladas* à filáucia, e pela filáucia, de quantas mentes – das mais de quantas mentes – hão vindo a proclamar humildade, ao longo dos milénios, por parte de “a Igreja”. À qual o próprio Sena Freitas faz referência também por via de se apropriar de sentença lacónica de Spalding (daí ‘Igreja’) que de modo algum oficia a feição lírica que ele lhe fabrica – de par a par com fazer isso mesmo a escorrer-se em amor filial (στοργή), por procuração inconsciente de amor carnal (ἔρωξ) sublimado, que finda por se revelar não mais do amor-próprio.

Estou a falar do seguinte passo da tradução “Da Educação Eclesiástica e do Futuro Religioso” – o qual (passo) deveras adultera e acrescenta despididamente o passo que lhe corresponde no sermão *Education and the Future of Religion*:

Seria possível, que a Igreja, esta mãe carinhosa que tem para todos os seus filhos

aprovações e alentos, não os tivesse para dá-los aos que labutam com sincero zelo e coragem na aquisição dos conhecimentos mais exatos e profundos, que vêm projetar um certo esplendor sobre a própria Igreja?”²⁹

Ora, a propósito desta pressuposta tradução, e em vista de quanto venho de pôr em pauta com relação aos raciocínios do próprio Sena Freitas e de Lencaster Spalding, as duas almas católicas de cujo amor invicto a “verdade revelada” *A Alta Educação do Padre* não menos presta testemunho, avento o seguinte: que leitores daquela mesma tradução com recurso a resposta para a consabida pergunta de Pôncio Pilatos (“Que é a verdade?”) na qualidade de resposta determinada pelos princípios de NÃO-CONTRADIÇÃO e de RAZÃO SUFICIENTE – que tais leitores não poderão deixar de dar por si a prosseguir em demanda de sede – outra – de “conhecimentos mais exatos e profundos.”

Bem como avento que tais leitores não poderão deixar de proceder por tal modo em resultado, em particular, de haverem constatado três circunstâncias, que passo a explicitar.

Trata-se, por um primeiro lado, da circunstância de, com aduzir “prova irrefragável” exclusivamente a “a verdade da nossa fé”, Spalding incorrer no *partidarismo* e no dogmatismo de aduzir “prova irrefragável”

tão-somente a verdade revelada passível de ser identificada como “verdade católica”, ao invés de passível de ser identificada, em termos genéricos, como verdade de toda e qualquer aventada revelação divina ao espírito do animal humano.

Trata-se, por um segundo lado, da circunstância de, em vista da formulação “the... proof of the truth of our faith”, jamais poder deixar de se tratar de “prova irrefragável” tão-somente da verdade qualitativa e quantitativa (intensiva) de experiência interna e de índole sentimental de “a nossa fé”. Muito ao invés, pois, da circunstância de se tratar de “prova irrefragável” de *objeto* – mundividência, teovidência, soteria ou esquema de salvação, etc. – sobre que “a nossa fé” pudesse recair.

Trata-se, por um terceiro e último lado, da circunstância de, a vir alguma vez a conhecer “prova irrefragável”, “a nossa fé” não poder deixar de, em resultado, vir a conhecer, de igual modo, fim. Dado que, como é evidente, toda e qualquer fé – seja ela ou não de índole religiosa – só poderá subsistir, por natureza, sob condição de desconhecimento ou ignorância da verdade do *objeto* (de índole intelectual ou sentimental) sobre que (ela, fé) possa recair. E dado que, como também é evidente, toda e qualquer “prova” de uma tal verdade, da verdade de um tal *objeto*, *qua objeto* de fé, jamais poderia deixar de acarretar consigo – para não dizer “jamais poderia deixar de consistir em” – conhecimento dela mesma, verdade.

Em vista também de quanto venho de dilucidar, em vista também da teia a um só tempo intelectual e sentimental em que o conceito VERDADE se emaranha quer no sermão *Da Educação Eclesiástica e do Futuro da Religião*, quer no discurso que de seguida lhe toma o lugar em *A Alta Educação do Padre*, quer, ainda, na Introdução que o tradutor, Sena Freitas, lhes redigiu, será difícil negar, suponho, que as páginas daquela tradução sempre haverão de confrontar seus possíveis leitores com ausência estonteante de entendimento esclarecido até mesmo de critério de VERDADE tão-somente de índole formal.

Vale dizer: com ausência estonteante de entendimento esclarecido até mesmo de cognição logicamente correta ou verídica de “verdade intelectual” – para pôr em pauta passo de “Educação Superior do Clero” em que se lê, pela pena do próprio Lancaster Spalding, mas com usitado acréscimo silente de Sena, isto: “o espírito atual da sociedade parece-me cada vez mais disposto a reconhecer em nós[, sacerdotes,] toda a qualidade de méritos, exceto a posse da verdade intelectual, ou, se quiserem, da ciência.”³⁰

Quanto venho de registrar não obsta, avalio, a que eu encerre esta segunda e última Divisão desta minha diminuta monografia fazendo justiça não ao primeiro bispo de Peoria, Monsenhor Spalding, mas ao Homem John Lancaster Spalding. – Em cujo peito as prerrogativas da razão, é certo, lucraram vitória apenas em alternância com as prerrogativas do sentimento ou do

coração, mas em cuja alma (há que reconhecê-lo) lucidez e procura desinteressada por VERDADE jamais deixaram de espreitar oportunidade para se fazer valer na qualidade de juízes imparciais e de demandantes intransigentes de genuína *selliges Leben* (“vida bem-aventurada”).

Em virtude de quanto se faz *objeto* destas minhas valorações, depara-se no testemunho de sua mente e de sua alma que John Lancaster nos legou via de sua pena, ajuízo, com genuína vontade de devir genuína *cultura hominis* – antropocultura – que se há *cravado ao lado* de um tal alvo apenas em resultado de não ter alcançado apossar-se com vigor da virtude que mais se constitui *fruto*, fim (*Zwexk*), de concretização de CULTURA (*Bildung*).

Refiro-me, no dizer de Friedrich Schiller, a *der innere Bund der menschlich Natur*, “a unidade interior da natureza humana”,³¹ entendida como unidade decorrente, precisamente, de veridicidade recíproca entre a singularidade formal dos produtos do entendimento (*Verstand*), dos conceitos, e a diversidade material (sensorial–sentimental) da experiência empírica.

Atente-se em quanto o ensaísta inglês Walter Pater escreveu a esse respeito:

Sibi unitus et simplicatus esse [To be united and made simple with oneself], that is the long struggle of the *Imitatio Christi*.

The spirit which it forms is the very opposite of that which regards life as a game of skill, and values things and persons as marks or counters of something to be gained, or achieved, beyond them. It seeks to value everything at its eternal worth, not adding to it, or taking from it, the amount of influence it may have for or against its own special scheme of life. It is the spirit that sees external circumstances as they are, its own power and tendencies as they are, and realises the given conditions of its life, not disquieted by the desire for change, or the preference of one part in life rather than another, or passion, or opinion. [...]

Such a simplicity is characteristic of the repose of perfect intellectual culture. The artist and he who has treated life in the spirit of art desires only to be shown to the world as he really is; as he comes nearer and nearer to perfection, the veil of an outer life not simply expressive of the inward becomes thinner and thinner. This intellectual throne is rarely won. Like the religious life, it is a paradox in the world, denying the first conditions of man's ordinary existence, cutting obliquely the spontaneous order of things. ³²

De acordo com quanto pus em pauta cerca de três parágrafos atrás – e, porquanto, não obstante o primeiro bispo de Peoria não se ter apossado com sucesso completo da unidade que venho de referir, por interesse de seu apego sentimental a “[the] special scheme of life” que é denominado “Catolicismo,” – termino dispensando justiça ao Homem John Lancaster Spalding, por via de citar esta sua esclarecida, perspicaz e preclara interrogação, que, no último capítulo do livro *Education and the Higher Life* (o oitavo, “University Education”), espereita leitor, ou universidade, capaz de lhe reconhecer o valor e a probidade: “Não ocorre que praticamente todos os homens se esforçam por se convencer da verdade das opiniões que seus interesses os movem a formular e a defender?” **33**



Notas e Referências

1. *A alta educação do padre: Contextualização*

¹ Rt. Rev. [Right Reverend] J. L. Spalding, D.D. [Doctor of Divinity]. *Education and the Future of Religion. A Sermon Preached in Rome, March 21, 1900*. Notre Dame, Indiana, The Ave Maria Press, s.d., 31 p.

² Rt. Rev. [Right Reverend] J. L. Spalding, D.D. [Doctor of Divinity]. *University Education, Considered in its Bearings on the Higher Education of Priests. A Discourse Delivered at the Cathedral, Baltimore, Sunday, November 16, 1884*. Baltimore, John Murphy & Co., 1884, 34 p.

³ John Lancaster Spalding. *A Alta Educação do Padre*. Trad. Padre Sena Freitas, ed. bilingue E. J. Moreira da Silva, Ponta Delgada, Editor, 2025, p. 49, ll. 9–10.

No decurso deste livro, irei citar exclusivamente esta edição de *A Alta Educação do Padre*, limitando-me a fornecer, daqui em diante, apenas indicação de página(s) e de linha(s).

⁴ “Atque, ut in eodem simili verser, ut ager quamvis fertilis sine cultura fructuosus esse non potest, sic sine doctrina animus; ita est utraque res sine altera debilis. Cultura autem animi philosophia est...” (“And, to be in the same simile, just as a field, however fertile, cannot be fruitful without cultivation, so the mind cannot be fruitful without learning; thus both things are weak without the other. But the cultivation of the mind is philosophy.”) Marcus Tullius Cicero. *Tusculanae Disputationes*, II, § 13. Trad. J. E. King, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1927, p. 158.

⁵ John Lancaster Spalding, “Views of Education.” In: —. *Things of the Mind*. Chicago, A. C. McClurg, 1903, p. 32.

⁶ Refiro-me ao título *Die Anweisung zum seligen Leben oder auch die Religionslehre* (*Preceitos para a Vida Bem-Aventurada ou, de Igual Modo, Doutrina da Religião*), que corresponde a escrito de Fichte que foi publicado pela primeira vez em Berlim, em 1806.

⁷ p. 49, ll. 19–20. (“Let us be persuaded that God calls all men to a higher life even in this world” – p. 48, ll. 14–16.) A ênfase é minha.

⁸ p. 63, ll. 13–15. (“...the light of God’s word which shines forever in its pages, to illumine the path that leads to a higher and more perfect life” – p. 62, ll. 10–12.) A ênfase é minha.

⁹ John Lancaster Spalding. *Education and the Higher Life*. Chicago, A. C. McClurg & Company, 1880, 210 p.

¹⁰ p. 79, ll. 2–9. (“Then again men of might shall learn to love us; kings shall come to offer homage, not with affected reverence or for selfish ends, but because they shall feel that in the Church there is an open fountain of life, of the life which, in their best moments, all feel to be the essential need of man” – p. 78, ll. 2–6.)

¹¹ p. 143, ll. 25–26. (“Shall I be told that... intellectual cultivation and discipline... cannot bring serviceable advocacy or defense to the cause of divine truth?” – p. 142, ll. 21–26.)

¹² Refiro-me em particular à primeira parte desse escrito (*The Idea of a University*), que Newman publicou em 1852 e é composta pelos discursos que proferiu em Dublin, naquele mesmo ano, em prole da fundação de uma universidade católica naquela cidade. A quem tenha interesse em consultar ou ler esses mesmos discursos, recomendo a seguinte edição: John Henry Newman. *The Idea of a University*. Ed. Frank M. Turner, New Haven, Yale University Press, 1996.

Em “Educação Superior do Clero,” a tradução que Sena Freitas deu ao título original da segunda parte de *A Alta Educação do Padre*, Lancaster Spalding cita *The Idea of a University* duas vezes – assim confirmando a suspeita inevitável de ter-se considerado o Henry Newman dos Estados Unidos, ao proclamar-se proponente e defensor da fundação de uma pri-

meira universidade católica na América. A qual efetivamente veio a ser fundada, em 1887, na cidade Washington — três anos após o próprio Lancaster Spalding ter proferido o discurso “Educação Superior do Clero.” Isto é, o discurso *University Education, Considered in its Bearings on the Higher Education of Priests*. Ainda hoje, tal universidade é conhecida pelo nome The Catholic University of America (CUA).

¹³ p. 185, ll. 33–35. (“Let there be then an American Catholic university, where our young men, in the atmosphere of faith and purity, of high thinking and plain living, shall become more intimately conscious of the truth of their religion” — p. 184, ll. 24–27.)

¹⁴ Como Edward Grant dá saber, no seu *The Foundations of Modern Science in the Middle Ages* (Cambridge, Cambridge University Press, 1998, pp. 34–35): “The growing commercial life in urban centers had made it advisable, if not necessary, for those who practiced the same trade or craft to seek protection by organizing themselves into guilds or corporations. Medieval lawyers frequently called these organizations by the name *universitas*, that is, ‘totality’ or ‘whole,’ signifying that the guild in question represented all the rightful practitioners of that trade or craft. [...] The masters and the students in Paris and elsewhere saw the advantages of association and used the *universitas* of trade or craft as a model on which to base their own organization.”

Isto significa, para o sublinhar, que o nome “universidade” *apontou ab initio* para os *magistri* e os *scholares*, os mestres e os alunos, que, na Idade Média, constituíam um determinado corpo docente, entendido, este, *qua universitas*, “totalidade”, ou *collegium*, “comunidade de *collegae*.”

Contudo, quem, após a criação dos *studia humanitatis*, na Renascença, terá continuado a encontrar um tal significado no nome “universidade”? Não será verdade que, a partir de então, o próprio nome “universidade” passou a significar “a place of *teaching* universal *knowledge*”?

Venho de citar palavras do cardeal Henry Newman, o qual, ironicamente (ver acima, nota 12), decidiu iniciar o Prefácio à publicação, em 1852, the *The Idea of a University* do seguinte

modo: “The view taken of a University in these Discourses is the following: — That it is a place of *teaching* universal *knowledge*. This implies that its object is, on the one hand, intellectual, not moral; and, on the other, that it is the diffusion and extension of knowledge rather than the advancement. If its object were scientific and philosophical discovery, I do not see why a University should have students; if religious training, I do not see how it can be the seat of literature and science” (*Loc. cit.*, p. 3).

Ora, sendo que, na verdade, qualquer *casa* de educação que seja designada “universidade” sem entrar em contradição lógico-semântica com explicitação analítica desse mesmo conceito (o conceito UNIVERSIDADE) jamais poderá ter por missão “religious training”, que poderá dar a saber acerca de si mesma universidade que haja sido designada “universidade católica”?

Forjar uma tal designação de carácter sintético não equivalerá a forjar, por exemplo, a designação “universidade comunista,” de modo a obter, não menos por exemplo, Universidade Comunista de Cabo Verde (UCCV)? Ou, então, não equivalerá, isso mesmo, a forjar a designação “universidade protestante,” de modo a obter — como de veras há ocorrido — este outro oxímoro: Universidade Protestante de Ciências Aplicadas”?

Não obstante o sentimento ter prevalecido sobre a razão também no cardeal Newman e no bispo Spalding, com o resultado de fideísmo e *partidarismo* católico-cristista sem tréguas os ter *aprisionado* na Caverna de índole epistemológica de que Platão se socorreu na qualidade de alegoria, tanto um como o outro — que pugnaram ferverosamente pela fundação de uma universidade católica, — bem conheciam, em virtude de serem homens de cultura e de inteligência invulgares, o carácter oximorónico de designações como as que venho de aventar. E, porquanto, o carácter oximorónico da designação “universidade católica”. Falharam, contudo, em instanciar em seus espíritos, pelas razões que este parágrafo põe em pauta logo de início, coerência intelectual e moral a todo o tempo e *a todo o custo*, a qual é (tal coerência) o *fruto* mais difícil de colher da altaneira, mas sempre tímida e recôndita, *árvore humana* que os Antigos nomearam *cultura hominis*.

Quanto venho de afirmar, provam-no só por si, com relação ao cardeal Henry Newman, as palavras prefaciais que citei no quarto parágrafo desta nota. No que toca ao bispo Lancaster Spalding, remeto quem porventura me leia para a definição de “cultura” que citei atrás intratextualmente (*vide supra*, pp. 14–15), a qual se configura explicitação exemplar dos objetivos que haverão de determinar toda a universidade que haja sido fundada, ou que venha a ser fundada, *sub specie*, em primeira instância, *casa* de incentivo a que o animal humano se faça devir, indivíduo a indivíduo, Homem. Isto é, se faça devir concretização de *cultura hominis*.

¹⁵ p. 4, ll. 3–4.

¹⁶ p. 185, ll. 32–33. (“Let there be then an American Catholic university” – p. 184, l. 24.)

¹⁷ *O testimonium animae naturaliter Christiana!* (“Oh, o testemunho da/de uma alma naturalmente cristã!”) Tertullian. *Apology* [and] *De Spectaculis*. Trad. T. R. Glover, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1984, pp. 88, 89.

Sena Freitas deu a saber, numa das suas notas (*vide* p. 216 da edição bilingue de *A Alta Educação do Padre*, de E. J. Moreira da Silva), que a “frase” “naturalmente religioso” “é daquele agudíssimo espírito que se chamou Tertuliano.” Contudo, falhou no seguinte. Em primeiro lugar, em não ter explicitado que Tertuliano não escreveu *homo est naturaliter religiosus* (“o homem é naturalmente religioso”) ou *anima est naturaliter religiosa* (“a alma é naturalmente religiosa”), mas sim “a,” ou “uma,” “alma naturalmente cristã” (*alma naturaliter Christiana*). Em segundo lugar, em não ter explicitado que se trata de predicação (*naturaliter religiosa*) com que se depara, em forma de exclamação, em xvii.6 do escrito do próprio Tertuliano (c. 160–c. 220 *A. D.*) que tem por título *Tertulliani Apologeticus* (*Apologética de Tertuliano*).

¹⁸ Como não poderá deixar de ser evidente para quem haja lido esta minha Contextualização a partir do princípio, o superlativo “cultíssima” expressa aqui sentido cognato com o sentido latino *cultura hominis* (“cultura do homem”).

¹⁹ p. 10, l. 21–p. 11, l. 35.

II. “Verdade” em *A alta educação do padre: Preliminar*

¹ John Lancaster Spalding. *Education and the Higher Life*. Chicago, A. C. McClurg & Company, 1880, p. 49 (“The seeker after wisdom must have a high purpose, a strong soul, and the purest love of truth”), p. 92 (“The passion for truth and for the culture which makes its possession possible is not rightly felt by the heart of boy or of youth”), p. 200 (“Stupidity is more to be dreaded than malignity; for ignorance, and not malice, is the most fruitful cause of human misery. Let knowledge grow, let truth prevail”). A ênfase é minha.

² p. 4, ll. 13-20; p. 35, ll. 21-26; p. 35, ll. 31-34. (Continuo a referenciar a edição de *A Alta Educação do Padre* que especifiquei na terceira nota à anterior Contextualização.)

³ Refiro-me à nota que se inicia assim: “Permita-se-me dissentir aqui um pouquinho do parecer do ilustre Prelado, atendendo a que não é, nem pode ser, proibido, aos [padres] que ainda têm pais ou irmãs, viver em companhia deles; e, do mesmo modo, em quanto a “gozos” que não são propriamente “os do espírito”, mas simples distrações e recreios dos sentidos, para repouso do espírito, nem todos são vedados ao padre, nem perigosos, nem abaixo da sua dignidade” (p. 215, n. 4).

⁴ Marcos 3: 35.

⁵ *Vide supra*, p. 16 e p. 31.

⁶ Mateus 4:17, 26:29.

III. *Primeira divisão: “Verdade” com relação a omissão de palavras por parte do Tradutor*

¹ Padre Senna Freitas. *A Alta Educação do Padre. Introdução, Nacinalização e Comentação de dois Discursos de Monsenhor Spalding, Bispo de Peoria, nos Estados Unidos*. Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1909, lxxx + 157 p.

² p. 65, ll. 12–13. (Continuo a referenciar a edição de *A Alta Educação do Padre* que especifiquei na terceira nota à anterior Contextualização.)

³ Como dou a saber na Contextualização que encabeça este meu livro, trata-se, na verdade, de um sermão e de um discurso; não de dois discursos – ao arpejo do anúncio, no frontispício da primeira publicação de *A Alta Educação do Padre* (de 1909), de “nacionalização e comentação de dois notáveis discursos de Monsenhor Spalding”.

⁴ p. 7, ll. 10–11.

⁵ Entre-se em conta, a este respeito, com o facto de, onze anos após ter escrito o discurso que constitui a segunda parte de *A Alta Educação do Padre* (o discurso *University Education, Considered in its Bearings on the Higher Education of Priests*, de 1884), Lancaster Spalding o ter republicado, com o título “The Higher Education,” sob a forma de Capítulo VII do seu *Means and Ends of Education* (Chicago, A. C. McClurg and Company, 1895, pp. 181–232).

⁶ p. 7, ll. 11–15.

⁷ Ver, na edição de *A Alta Educação do Padre* que estou a referenciar, o Apêndice A (p. 287).

⁸ John Lancaster Spalding. *Opportunity and Other Essays and Addresses*. Chicago, A. C. McClurg & Co., 1900, 228 p.

⁹ *Opportunity and Other Essays and Addresses* é constituído pelos seguintes escritos: I. “Opportunity” (“Oportunidade”), pp. 8–44; II. “Women and the Higher Education” (“As Mulheres e a Educação Superior”), pp. 45–67; III. “The University: A Nursery of the Higher Life” (“A Universidade: Um Berçário da Vida Bem-Aventurada”), pp. 68–108; IV. “The University and the Teacher” (“A universidade e o Professor”), pp. 109–141; V. “Goethe as Educator” (“Goethe como Educador”), pp. 142–164; VI. “Goethe as Educator, continued” (“Goethe como Educador, continuação”), pp. 165–189; VII. “The Patriot” (“O Patriota”), pp. 190–212; VIII. “Empire or Republic” (“Império ou República”), pp. 213–228. O capítulo terceiro, “The University: A Nursery of the Higher Life” é – lê-se em nota de rodapé –

“Address delivered at the dedication of Holy Cross College, Catholic University, Washington, D. C., October 13, 1899.”

¹⁰ Ver, na edição de *A Alta Educação do Padre* que estou a referenciar, o Apêndice A (p. 287).

¹¹ p. 6, l. 28–p. 7, l. 8.

¹² John Lancaster Spalding. *Opportunity and Other Essays and Addresses*, p. 39.

¹³ Ver, na edição de *A Alta Educação do Padre* que estou a utilizar, os Apêndices D (p. 290) e E (p. 291).

IV. Segunda divisão: “Verdade” com relação a palavras por parte do Autor

¹ “Die dogmatische ist eine allgemeine Erkenntniß, die a priori aus der Verstand entspringt”. (“Cognição dogmática é cognição universal que desponha *a priori* da razão.”) Immanuel Kant. *Logik Blomberg*, §104 In: —. *Gesammelte Schrifte*. Ed. Deutsche Akademie der Wissenschaften, Berlin, Walter de Gruyter, vol. 24 (*Vorlesungen*), t. 1.1 (*Vorlesungen über Logik*), 1966, p. 99, ll. 20–21.

² Como Ferrater Mora dá a saber: “Filosóficamente... el vocablo ‘dogma’... significó primitivamente ‘opinión’. Se trataba de una opinión filosófica, esto es, de algo que se refería a los principios. Por eso el término ‘dogmático’... significó ‘relativo a una doctrina’ o ‘fundado em principios’... los filósofos que insistían demasiado en los principios terminaban por non prestar atención a los hechos o a los argumentos.... Fueron llamados por ello ‘filósofos dogmáticos’... a la diferencia de los ‘filósofos examinadores’ o ‘escépticos.’” (Ferrater Mora. “Dogmatismo.” In: —. *Diccionario de Filosofía*. Ed. Josep-Maria Terricabras, Barcelona, Ariel, 2001, vol. 1, p. 929.)

³ “Der dogmatische Geist der Philosophie ist also dia stolze Sprache der Unwissenden, die alles gerne entscheiden, und gar nichts untersuchen mögen”. (“O espírito dogmático da filosofia é, pois, a linguagem orgulhosa dos que

ignoram, os quais gostam de tudo decidir, e se comprazem com nada investigar”. Imanuel Kant. *Logik Blomberg*, § 104. *Loc. cit.*, p. 206, ll. 20–23.

⁴Gerald O’Collins, S. J. *The Case Against Dogma*. New York, Paulist Press, 1975, p. 2: “Like the notions of *fides* and *haeresis* ‘dogma’ has undergone a process both of refinement and restriction of meaning. In the jargon of twentieth-century Catholic theology dogma has come to mean: (1) a divinely revealed truth, (2) proclaimed as such by the infallible teaching authority of the Church and (3) hence binding now and forever on all the faithful.”

⁵Repare-se em que os qualificativos NÃO REVELADA e REVELADA surgem nas designações “verdade revelada” e “verdade revelada,” respetivamente, tão-somente na qualidade de predicados–adjetivos relacionais ou sintéticos, que é o que ocorre com o predicado–adjetivo MARÍTIMO, por exemplo, na designação “verniz marítimo.” Sendo, por conseguinte, que os próprios predicados–adjetivos NÃO REVELADA e REVELADA qualificam o nome “verdade” *sub specie* predicados–adjetivos acidentais ou não essenciais, ao passo que o contrário disso mesmo ocorre no caso das predicacões, que irei fazer recorrentemente no decurso destas páginas, EPISTEMOLÓGICA e ESTÉTICA — as quais são predicacões que decorrem de *divisio* analítica do conceito superior VERDADE nos conceitos inferiores (de igual modo analíticos) VERDADE EPISTEMOLÓGICA e VERDADE ESTÉTICA.

Ou seja, as quais (predicacões) decorrem de *divisio* de tal conceito (o conceito superior VERDADE) do mesmo modo que, por exemplo, as predicacões OXIGENADA e SALGADA decorrem de *divisio* analítica do conceito superior ÁGUA (H_2O) nos conceitos inferiores (nas espécies) ÁGUA OXIGENADA (H_2OH_2O) e ÁGUA SALGADA ($H_2O-NACL$). As quais, sendo assim, são predicacões que se configuram não adjudicação sintética de predicados acidentais ou contingentes ao conceito ÁGUA, mas, pelo contrário, exibição (*exhibitio*) de predicados essenciais constitutivos de diferença específica: de predicados *sine quibus non* (sem os quais não), respetivamente, ÁGUA OXIGENADA (H_2OH_2O) e ÁGUA SALGADA ($H_2O-NACL$).

⁶ Repare-se em que ocorre com relação aos predicados NÃO RELIGIOSA e RELIGIOSA, nas designações, “verdade (revelada) não religiosa” e “verdade (revelada) religiosa,” respetivamente, o mesmo que ocorre com os predicados NÃO REVELADA e REVELADA, nas designações, respetivamente, “verdade não revelada” e “verdade revelada.” (Veja-se, acima, nota 5.)

⁷ *Vide supra*, p. 18, p. 28, pp. 29–30.

⁸ Repare-se em que ocorre com relação aos predicados CRISTÃ e CATÓLICA, nas designações “verdade (religiosa) cristã” e “verdade (religiosa) católica,” respetivamente, o mesmo que ocorre com os predicados NÃO REVELADA e REVELADA, nas designações, respetivamente, “verdade não revelada” e “verdade revelada.” (Veja-se, acima, notas 5 e 6.)

⁹ p. 138, ll. 27–29. (Continuo a referenciar a edição de *A Alta Educação do Padre* que especifiquei na terceira nota à anterior Contextualização.) A ênfase é minha.

¹⁰ p. 51, ll. 33–34. A ênfase é minha.

¹¹ p. 115, ll. 18–19.

¹² p. 171, ll. 15–17, 18–20. A ênfase é minha.

¹³ p. 51, l. 38–p. 53, l. 4. (“...none who believe that He [Jesus] speaks the words of the Eternal Father may refuse to hearken to the voice of His historic Church uttering the things that appertain to religion and salvation” – p. 50, l. 30–p. 52, l. 2.)

¹⁴ Refiro-me, é evidente, à tradução que Eusébio Jerónimo (vulgo, São Jerónimo) *concocted* para o texto da Vulgata de João 1:1: *in principio erat Verbum*.

Dada a diversidade de significados que o nome λόγος (*lógos*) dava a pensar no mundo helénico, por que não o traduzir, à falta de melhor alternativa, pelo nome latinizado *logos* – o qual expressava de igual modo tanto (i) o significado “palavra” ou “discursividade” (*verbum* ou *sermo*) como (ii) o significado “racionalidade” (*ratio*)? *Só para que*, ao ler ou ouvir *Verbum* (“Verbo” ou “Verbalidade”) no texto da Vulgata, o vulgo se visse compelido a representar mentalmente *As palavras sagradas do Senhor* ou *O que Deus ser-*

mona (diz dever ser feito) pela boca de seu representante na Terra, a Igreja Católica?

Por que razão, mais especificamente, “racionalidade–logicidade,” em lugar de “Verbo”?

Em primeiro lugar, pela razão de a própria interrogação “por que razão?” e a própria afirmação “pela razão de” significarem em primeira instância não “por que motivo?” e “pelo motivo de,” mas, precisamente, “por que racionalidade?” e “em virtude da racionalidade (do *lógos*) de.” Isto é, para manter só a interrogação: “em virtude de que fundamento (*Grund, ground*)?” – “de que determinação, de carácter lógico–ontológico?”

Em segundo lugar (mas em primeiro lugar por ordenação lógica), pela razão de a ideia que “Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος” (ver nota imediatamente a seguir a esta) expressa ser manifestamente esta: *Em o princípio* (como em ‘Princípio de Não Contradição,’ não como em ‘ao princípio do dia’), *era a racionalidade determinante da natureza – determinante dos lógoi ou fórmulas constituintes – de todos os entes e todos os eventos.* Isto ignifica: *Era a racionalidade determinante do ter-de-ser, do poder-ser e do dever-ser de todos os entes e todos os eventos.*

Por “ter-de-ser,” entenda-se, por exemplo, a necessidade de |ÁGUA| se constituir H O. Ou seja, entenda-se a apoditicidade desta fórmula essencial. – *Sine qua* (sem a qual) *non* (não) |ÁGUA|. *Sine qua*, por conseguinte, |SEDE| e |SUJIDADE| a valer! Porque *divinamente* ordenadas!

Por “poder-ser,” entenda-se, por exemplo, a possibilidade de |ÁGUA| se constituir tanto (i) |ÁGUA SALGADA| ou |H O| como (ii) |ÁGUA OXIGENADA| ou |H OH O|. Bem como a possibilidade de um qualquer João ou Joaquim ser ou devir (acidentalmente) GORDO ou MAGRO sem deixar de permanecer (essencialmente) HOMEM.

Por “dever-ser,” finalmente, entenda-se a excelência ou a perfeição (agora, de carácter contingente) que haverá de se pensar *qua* potencialidade (*in potentia*) ao deparar, por exemplo, com |LARANJA| ou |MULHER| bela por fora e desprovida de sumo por dentro – em atualidade (*in actu*). Ou, então, bela por fora e podre por dentro.

In principio erat Verbum | Et Verbum erat apud Deum, | Et Deus erat Verbum.

Ou seja: “No princípio era o Verbo, | E o Verbo era com Deus, | E Deus era o Verbo.” –

Erat Verbum, my eye!

Para não dizer, agora com referência a *the mind's eye: In principio erat oculus Dei!*

¹⁵ Cf. João 1:1: Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν, καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος. (“Em o princípio, era a racionalidade, e a racionalidade era conjuntamente com a divindade, e divindade era a racionalidade.”)

¹⁶ Por exemplo, Mateus 4:17.

¹⁷ Hebreus 12:5.

¹⁸ Com vista a justificar quanto aqui digo, com relação a transição histórico-cultural de “*paideia* do Senhor” para “*paideia* de Cristo,” uma e a outra *sub specie paideia* de estirpe hebraico-judaica helenizada, cito as seguintes afirmações de Werner Jaeger: “Paul chose the Greek philosophical tradition, which was the most representative part of that which was alive in Greek culture at the time. A later Christian writer, the author of the Acts of the Apostle Philip, has interpreted the intention of Acts in the same way: imitating our canonical Acts of the Apostles, he makes his protagonist come to Athens, like Paul, and speak to the same kind of audience on the same question. He makes the apostle Philip say, ‘I have come to Athens In order to reveal to you the *paideia* of Christ.’ That was indeed what the author of our Acts wanted to do. In calling Christianity the *paideia* of Christ, the imitator stresses the intention of the apostle to make Christianity appear to be a continuation of the classical Greek *paideia*, which it would be logical for those who possessed the older one to accept. At the same time he implies that the classical *paideia* is being superseded by making Christ the center of a new culture. The ancient *paideia* thereby becomes its instrument.” (Werner Jaeger. *Early Christianity and Greek Paideia*. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1961, pp. 11–12.)

¹⁹ João 6:38.

²⁰ Immanuel Kant. *Wiener Logik*, 41. In: —. *Gesammelte Schriften*. Ed. Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin, Berlin, Walter de Gruyter & Co., 1966, vol. 24 (*Vorlesungen*), t. 1.2 (*Vorlesungen über Logik*), p. 807, ll. 25–29. (“...es ist nicht das Hauptstück, daß die Erkenntniß mit dem Object zusammenstimme, wenn sie nur mit unsern Gesetzen der Sinnlichkeit zusammen stimmt. Poetisch wahr ist nicht, was Logisch wahr, sondern was dem Scheine gemäß ist. Gemeine Vorurtheile haben ästhetische Wahrheit.”)

²¹ Immanuel Kant. *Logik. Ein Handbuch zu Vorlesungen* (“Einleitung,” VII). Ed. Gottlob Benjamin Jäsche, Königsberg, Friedrich Nicolodius, 1800, pp. 72–73. (“...die formale Wahrheit besteht lediglich in der Zusammenstimmung der Erkenntniß mit sich selbst bei gänzlicher Abstraction von allen Objecten insgesamt und von allem Unterschiede derselben. Und die allgemeinen formalen Kriterien der Wahrheit sind demnach nichts anders als allgemeine logische Merkmale der Übereinstimmung der Erkenntniß mit... den allgemeinen Gesetzen des Verstandes und der Vernunft. [...] Die formalen Kriterien der Wahrheit in der Logik sind[::] (1) der Satz des Widerspruchs, (2) der Satz des zureichenden Grundes.”)

²² Immanuel Kant. *Logik. Ein Handbuch zu Vorlesungen. Loc. cit.*, p. 72. (“Diese formalen, allgemeinen Kriterien sind zwar freylich zur objectiven Wahrheit nicht hinreichend”.)

²³ Como é evidente, estou a apresentar de forma relativamente simplista (para a dar a *sentir* com maior acuidade) a circunstância que pretendo fazer valer aqui. Quero dizer, agora de modo mais exato, a circunstância de ocorrer veridicidade recíproca entre, por exemplo, (i) a representação mental DOR DE DENTES OCACIONADA POR PERIODONTITE e (ii) a sensação *de facto* | DOR DE DENTES OCACIONADA POR PERIODONTITE |, ao invés de ocorrer inveridicidade entre, não menos por exemplo, (i) a representação mental DOR DE DENTES OCACIONADA POR PERIODONTITE e (ii) a sensação *de facto* | DOR DE DENTES OCACIONADA POR PULPITE |!

²⁴ Se isso produzisse grau igual de *persuasão*, seria mais adequado pensar em experiência de “verdade objetiva” *sub specie* veridicidade mútua entre, por exemplo, (i) a representação mental EU ATRAVESSEI A RUA QUANDO O SEMÁFORO ESTAVA VERDE, E ELE ATROPELOU-ME, e (ii) a intuição |EU ATRAVESSEI A RUA QUANDO O SEMÁFORO ESTAVA VERDE, E ELE ATROPELOU-ME|. – Muito embora as mais das vezes ocorra não uma tal experiência (de verdade objetiva), mas experiência de inverdade objetiva identificada como verdade (objetiva). Isto é, muito embora as mais das vezes ocorra inveridicidade mútua entre, por exemplo, (i) a representação mental – e, quiçá, a intuição – ELE AVANÇOU QUANDO O SEMÁFORO ESTAVA VERMELHO, E ATROPELOU-ME, e (ii) a factualidade (a verdade) objetiva |EU ATRAVESSEI A RUA QUANDO O SEMÁFORO ESTAVA VERDE, E ELE ATROPELOU-ME|!

²⁵ p. 73, l. 34–p. 74, l. 2. (“They [men] forget that all truth is orthodox, and that behind all truth stand the veracity and the power of God, who makes himself known in the laws of science, as in the majesty of the everlasting mountains and the starlit heavens” – p. 72, ll. 28–32.) A ênfase é minha.

²⁶ p. 57, ll. 1–3. (“All truth is orthodox[,] whether it come to us through revelation, reaffirmed by the infalible voice of the Church, or whether it come in the form of certain and scientific knowledge” – p. 56, ll. 1–3.) A ênfase é minha.

²⁷ p. 62, ll. 14–19. Na tradução de Sena Freitas: “Erigiram, os teólogos e apologistas católicos, em princípio fundamental, que deve haver harmonia ou concordância entre a revelação bem compreendida e os fenómenos do universo bem conhecidos. Ora, posto isto, será justamente o pensamento mais profundo e a ciência mais exata, que fornecerão as provas mais irrefutáveis (no terreno racional) da verdade da nossa fé.” (p. 63, ll. 17–23.)

²⁸ *Vide supra*, nota imediatamente anterior.

²⁹ p. 65, ll. 9–14. (“Shall the Church speak words of approval and cheer to all her children except those who labor with honest purpose and untiring zeal, for deeper and truer knowledge?” – p. 64, ll. 5–8.)

³⁰ p. 147, ll. 17–20.

³¹ Friedrich Schiller. *Über die ästhetische Erziehung des Menschen in einer Reihe von Briefe (Acerca da Educação Estética do Homem, numa Série de Cartas)*, 6. In: —. *Werke in Drei Bänden*, Ed. Herbert G. Göpfert, München, Carl Hauser, 1966, vol. 2, p. 455.

³² Walter Pater. “Diaphaneitè.” In: —. *Miscellaneous Studies: A Series of Essays*. London, Macmillan and Co., 1913, pp. 248–249.

³³ John Lancaster Spalding. “University Education.” In: —. *Education and the Higher Life*, p. 201. (“Do not nearly all men strive to convince themselves of the truth of those opinions which they are interested in holding?”)



Bibliografia

CICERO, Marcus Tullius. *Tusculanae Disputationes*. Trad. J. E. King, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1927.

COLLINS, Gerald O', S. J. *The Case Against Dogma*. New York, Paulist Press, 1975,

FREITAS, Padre Senna. *A Alta Educação do Padre. Introdução, Nacionalização e Comentação de dois Discursos de Monsenhor Spalding, Bispo de Peoria, nos Estados Unidos*. Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1909,

GRANT, Edward. *The Foundations of Modern Science in the Middle Ages*. Cambridge, Cambridge University Press, 1998,

GREEK NEW TESTAMENT, The. 5. ed. Ed. Barbara Aland *et al.*, Münster, Westohalia, Deutsche Bibelgesellschaft, 2024.

JAEGER, Werner. *Early Christianity and Greek Paideia*. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1961,

KANT, Imanuel. *Logik Blomberg*. In: —. *Gesammelte Schrifte*. Ed. Deutsche Akademie der Wissenschaften, Berlin, Walter de Gruyter, vol. 24 (*Vorlesungen*), t. I.1 (*Vorlesungen über Logik*), 1966, pp. 6–301.

KANT, Imanuel. *Logik. Ein Handbuch zu Vorlesungen*. Ed. Gottlob Benjamin Jäsche, Königsberg, Friedrich Ricolodius, 1800.

KANT, Imanuel. *Wiener Logik. In: —, Gesamelte Schriften*. Ed. Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin, Berlin, Walter de Gruyter & Co., 1966, vol. 24 (*Vorlesungen*), t. 1, 2 (*Vorlesungen über Logik*), pp. 785–940.

MORA, Ferrater. *Diccionario de Filosofia*. Ed. Josep-Maria Terricabras, Barcelona, Ariel, 2001, 4 vols.

NEWMAN, John Henry. *The Idea of a University*. Ed. Frank M. Turner, New Haven, Yale University Press, 1996.

PATER, Walter. *Miscellaneous Studies: A Series of Essays*. London, Macmillan and Co., 1913.

SCHILLER, Friedrich. *Über die ästhetische Erziehung des Menschen in einer Reihe von Briefe (Acerca da Educação Estética do Homem, numa Série de Cartas)*. In: —. *Werke in Drei Bänden*, Ed. Herbert G. Göpfert, München, Carl Hauser, 1966, vol. 2, pp. 445–520.

SPALDING, John Lancaster. *A Alta Educação do Padre*. Trad. Padre Sena Freitas, ed. bilingue E. J. Moreira da Silva, Ponta Delgada, Editor, 2025.

SPALDING, John Lancaster. *Education and the Higher Life*. Chicago, A. C. McClurg & Company, 1880.

SPALDING, John Lancaster. *Means and Ends of Education*. Chicago, A. C. McClurg and Company, 1895.

SPALDING, John Lancaster. *Opportunity and Other Essays and Addresses*. Chicago, A. C. McClurg & Co., 1900.

SPALDING, John Lancaster. *Things of the Mind*. Chicago, A. C. McClurg, 1903,

TERTULLIAN. *Apology [and] De Spectaculis*. Trad. T. R. Glover, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1984,

VULGATA CLEMENTINA, *Biblia Sacra Iuxta* (Nova Editio). Ed. Alberto Colunga e Laurento Turrado, Matriti, Biblioteca de Autores Cristianos, 2023.





